



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LETRAS ESPANHOL
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LICENCIATURA EM LETRAS ESPANHOL

LÍCIA CRISTINA DE LIMA SANTINO DA SILVA

**ESTRATÉGIAS DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO APONTADAS
EM ESTUDOS CIENTÍFICOS DE LÍNGUA ESPANHOLA PARA CRIANÇAS
COM TEA**

João Pessoa

2024

LÍCIA CRISTINA DE LIMA SANTINO DA SILVA

**ESTRATÉGIAS DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO
APONTADAS EM ESTUDOS CIENTÍFICOS DE LÍNGUA ESPANHOLA PARA
CRIANÇAS COM TEA**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao Centro de Ciências
Humanas Letras e Artes da
Universidade Federal da Paraíba,
como requisito e título licenciado em
Letras Espanhol.

Orientadora: Profa. Dra. Lisiê
Marlene da Silveira Melo Martins.

JOÃO PESSOA

2024

Dedico este trabajo a la búsqueda incesante de la verdad y de la belleza, inspirado en las palabras de San Agustín: “¡Tarde te amé, hermosura tan antigua y tan nueva, tarde te amé! [...] Me llamaste y clamaste, y quebraste mi sordera; brillaste y resplandeciste, y curaste mi ceguera.” Que las bellas palabras del autor nos lleven a la reflexión sobre la jornada de autodescubrimiento y el anhelo por la paz que proviene de un amor incondicional contenido en el único Dios verdadero.

Catálogo na publicação Seção de Catalogação e Classificação

S586e Silva, Licia Cristina de Lima Santino da.

Estratégias de alfabetização e letramento apontadas
em estudos científicos de língua espanhola para
crianças com TEA / Licia Cristina de Lima Santino da
Silva. - João Pessoa, 2024.

54 f. : il.

Orientador: Lisiê Marlene da Silveira Melo Martins.
TCC (Graduação) - Universidade Federal da
Paraíba/Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes,
2024.

1. Transtorno do Espectro Autista (TEA). 2.
Estratégias de alfabetização e letramento. 3. Inclusão.
I. Martins, Lisiê Marlene da Silveira Melo. II. Título.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus, Criador do céu e da terra, digno de toda honra e glória, que me sustentou nas noites escuras e me deu força para enfrentar os desafios ao longo desta jornada. Sua presença foi fundamental para que eu pudesse seguir em frente, mesmo nos momentos de incerteza. É por meio da fé que encontrei a coragem necessária para persistir e alcançar meus objetivos.

Agradeço, também, ao meu esposo, que foi meu maior incentivador neste processo. Ele sempre esteve ao meu lado, abrindo mão de seu momento de descanso para que eu pudesse evoluir profissionalmente. Seu apoio incondicional e suas palavras de encorajamento foram essenciais para que eu pudesse me dedicar aos estudos e enfrentar cada desafio que surgiu em meu caminho.

A minha profunda gratidão aos meus pais, que são o meu modelo de persistência e resiliência. Mesmo enfrentando as dificuldades da seca no sertão, eles nunca abriram mão dos nossos estudos; pelo contrário, criaram possibilidades inigualáveis, trazendo-nos para o litoral da Paraíba em busca de uma vida melhor.

Também quero agradecer à família do presbítero Paulo, pois sem eles, minha jornada acadêmica não seria possível. Mesmo distante da minha família de sangue, Deus permitiu que essa família me acolhesse e cuidasse dos meus filhos com tanto carinho e dedicação, tornando este percurso mais leve e cheio de amor.

Por fim, quero expressar minha sincera gratidão à minha estimada orientadora, Professora Lisiê Marlene da Silveira Melo Martins. Ela foi responsável por plantar em mim a semente da educação inclusiva. Seu amor pela profissão e entusiasmo ao ministrar suas aulas me contagiou profundamente, inspirando-me a seguir este caminho com dedicação e compromisso. A orientação dela foi essencial para o meu crescimento pessoal e profissional, e sou imensamente grata por todo o apoio e ensinamentos que recebi durante essa jornada.

RESUMO

A inclusão escolar de crianças com TEA exige adaptações pedagógicas que respeitem suas necessidades individuais e cognitivas, visto que os métodos tradicionais tem demonstrado não ser eficazes para esse público. Este trabalho tem como objetivo analisar em estudos acadêmicos as estratégias de alfabetização e letramento voltadas para crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). A pesquisa destaca a importância de práticas educacionais inclusivas e aponta estratégias que envolvem o uso de recursos tecnológicos adaptados, métodos pedagógicos específicos e a personalização do ensino. A metodologia utilizada consistiu em uma revisão bibliográfica, na qual foram examinadas as estratégias de alfabetização e letramento de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) a partir de estudos brasileiros e de língua espanhola disponibilizados em bases de dados como Google Acadêmico, Scielo, CAPES Periódicos, Revista Brasileira de Educação Especial e Banco de Teses e Dissertações, priorizando trabalhos publicados nesta última década. A revisão bibliográfica foi realizada entre maio e setembro deste ano. A base teórica foi elaborada a partir de estudos que investigam estratégias pedagógicas voltadas para a alfabetização e letramento de crianças com (TEA). Estes estudos buscam contribuir para o avanço das práticas pedagógicas inclusivas, promovendo equidade no ensino e o direito à educação de qualidade para todos. Nesse sentido, foram utilizados como referencial teórico autores como Segura (2020), Gualán (2021), Guanoluisa, Álvarez Mérida, Izurieta Mena e Paredes Morales (2021), Zambrano Montes, Lubis Carmita, Saltos Intriago e Claudia Monserrate (2021), Rodríguez Sánchez, Rodríguez Pérez e García Navarro (2018), Sundarine Rodríguez e Pamela Pimentel (2020), entre outros.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista (TEA), Estratégias de alfabetização e letramento; Inclusão.

RESUMEN

La inclusión escolar de niños con TEA exige adaptaciones pedagógicas que respeten sus necesidades individuales y cognitivas, dado que los métodos tradicionales han demostrado no ser eficaces para este público. Este trabajo tiene como objetivo analizar en estudios académicos las estrategias de alfabetización y lectoescritura dirigidas a niños con Trastorno del Espectro Autista (TEA). La investigación destaca la importancia de prácticas educativas inclusivas y señala estrategias que implican el uso de recursos tecnológicos adaptados, métodos pedagógicos específicos y la personalización de la enseñanza. La metodología utilizada consistió en una revisión bibliográfica, en la cual se examinaron las estrategias de alfabetización y lectoescritura de niños con Trastorno del Espectro Autista (TEA) a partir de estudios brasileños y de lengua española disponibles en bases de datos como Google Académico, Scielo, CAPES Periódicos, Revista Brasileña de Educación Especial y Banco de Tesis y Disertaciones, priorizando trabajos publicados en la última década. La revisión bibliográfica se llevó a cabo entre mayo y septiembre de este año. La base teórica se elaboró a partir de estudios que investigan estrategias pedagógicas dirigidas a la alfabetización y lectoescritura de niños con (TEA). Estos estudios buscan contribuir al avance de las prácticas pedagógicas inclusivas, promoviendo equidad en la enseñanza y el derecho a una educación de calidad para todos. En este sentido, se utilizaron como referencia teórica autores como Segura (2020), Gualán (2021), Guanoluisa, Álvarez Mérida, Izurieta Mena y Paredes Morales (2021), Zambrano Montes, Lubis Carmita, Saltos Intriago y Claudia Monserrate (2021), Rodríguez Sánchez, Rodríguez Pérez y García Navarro (2018), Sundarine Rodríguez y Pamela Pimentel (2020), entre otros.

PALABRAS CLAVE: Trastorno del Espectro Autista (TEA), Estrategias de alfabetización y letramiento, Inclusión.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	11
2.1 Conceito de alfabetização e letramento	14
2.2 Caminhos para a inclusão: práticas e desafios na Educação Especial.....	17
3. METODOLOGIA	28
3.1 Descrição do levantamento bibliográfico.....	30
4 .ANÁLISE.....	32
4.1 Apresentação dos estudos	32
4.2 Identificar as Estratégias	36
CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
REFERÊNCIAS	49

1. INTRODUÇÃO

A alfabetização e o letramento são processos essenciais para o desenvolvimento humano, pois possibilitam a inserção social e cultural dos indivíduos. Na contemporaneidade, a educação tem enfrentado desafios significativos, especialmente no que tange à inclusão de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no ambiente escolar.

Dado que essas crianças possuem características cognitivas e comportamentais que podem dificultar a aprendizagem nos moldes tradicionais, torna-se imprescindível a investigação de estratégias pedagógicas que atendam às suas necessidades específicas. No contexto dos países de língua espanhola, a produção acadêmica sobre este tema tem se mostrado promissora, oferecendo caminhos relevantes para a prática educativa inclusiva.

Nesse sentido, o estudo das estratégias de alfabetização e letramento para crianças com TEA torna-se imprescindível não apenas para a compreensão dos processos de aprendizagem envolvidos, mas também para o desenvolvimento de práticas educativas que promovam a equidade e a inclusão.

Pessoalmente, acredito que os estudos científicos de língua espanhola têm contribuído de forma significativa para o avanço desse conhecimento, pois oferecem abordagens teóricas e metodológicas que podem ser adaptadas e implementadas em diversos contextos educacionais. Além de disso, enseja adaptações pedagógicas que respeitam o ritmo individual da criança a luz de uma perspectiva culturalmente rica e diversificada.

Por conseguinte, a pesquisa ressalta a necessidade de materiais didáticos e estratégias de ensino que sejam sensíveis às necessidades individuais dos alunos, como um passo crucial para superar as barreiras educacionais que enfrentam. Assim, a análise dessas estratégias se revela um passo crucial para o aperfeiçoamento da prática docente e para a garantia do direito à educação de qualidade para todas as crianças, independentemente de suas condições.

Diante desse cenário, o presente estudo busca responder à seguinte questão: quais são as estratégias de alfabetização e letramento apontadas em estudos científicos de língua espanhola para crianças com TEA? Esta pergunta norteadora surge da necessidade de se compreender como as diferentes abordagens educativas podem ser aplicadas no contexto da educação inclusiva, especificamente no processo de alfabetização de crianças que enfrentam desafios relacionados ao espectro autista.

As possíveis respostas para essa questão incluem a identificação de métodos pedagógicos específicos, o uso de recursos tecnológicos adaptados e a implementação de práticas de ensino individualizadas que considerem as particularidades de cada criança. A

hipótese central é que as estratégias de alfabetização e letramento bem-sucedidas para crianças com TEA envolvem uma combinação de técnicas multimodais, ajustes curriculares e apoio especializado, todos fundamentados em uma compreensão profunda das necessidades individuais dos alunos.

O objetivo geral deste trabalho é analisar as estratégias de alfabetização e letramento apontadas em estudos científicos de língua espanhola para crianças com TEA. Para alcançar esse propósito, foram estabelecidos três objetivos específicos: levantar estudos científicos publicados em língua espanhola que discutam a temática da alfabetização e letramento para crianças com TEA; conhecer os pressupostos teóricos que balizam a prática alfabetizadora de crianças com TEA nos estudos científicos; e identificar as estratégias apontadas nos estudos para mediação da alfabetização de crianças com TEA.

A relevância deste trabalho reside na sua contribuição para a literatura acadêmica e para a prática educacional, especialmente no campo da educação inclusiva. Ao explorar as estratégias de alfabetização e letramento para crianças com TEA a partir de uma perspectiva internacional, especificamente de países de língua espanhola, o estudo amplia o conhecimento sobre práticas educativas eficazes e pode servir de base para a formulação de políticas públicas e para a formação de educadores comprometidos com a inclusão.

Metodologicamente, o estudo foi conduzido por meio de uma pesquisa bibliográfica, com a análise de publicações científicas em língua espanhola que tratam do tema da alfabetização e letramento de crianças com TEA. O procedimento metodológico incluiu a seleção criteriosa de artigos, livros e dissertações que abordam as estratégias educativas voltadas para esse público, seguidos de uma análise qualitativa dos conteúdos apresentados.

Por último, a estrutura do trabalho segue uma organização em capítulos dispostos de forma sequencial. Dando continuidade ao capítulo de referencial teórico, dividido em três pontos, o primeiro discute os conceitos de alfabetização e letramento, seguindo com o conceito de inclusão e educação em uma perspectiva inclusiva no ponto dois e em terceiro discorre sobre o conceito de TEA.

O terceiro capítulo, metodologia, detalha o método de pesquisa utilizado e os procedimentos adotados. O quarto capítulo, Análise, está subdividido em duas partes: a apresentação dos estudos analisados e a identificação das estratégias de alfabetização e letramento propostas. Cada um desses capítulos contribui para a construção de uma compreensão abrangente das estratégias educativas voltadas para crianças com TEA, fundamentando-se em evidências científicas e práticas pedagógicas consagradas.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A tarefa de alfabetizar crianças Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um verdadeiro desafio para os profissionais da educação, apresentando uma série de complexidades que extrapolam as habilidades pedagógicas fundamentais. Conforme discutido por Dourado et al. (2024), essas crianças se deparam com obstáculos específicos que demandam métodos de ensino adaptados e estratégias educacionais especializadas. A diversidade de necessidades e capacidades entre esses alunos requer uma abordagem individualizada e sensível, capaz de proporcionar um ambiente de aprendizagem inclusivo e eficaz.

A importância de desenvolver práticas pedagógicas adaptativas é enfatizada na pesquisa, que destaca a necessidade de os educadores não apenas reconhecerem, mas também responderem de maneira adequada às diferenças individuais presentes na sala de aula. Dourado et al. (2024) sublinham que o sucesso na alfabetização de crianças Transtorno do Espectro Autista (TEA) depende não apenas da competência técnica dos professores, mas também de sua capacidade de ajustar suas metodologias de ensino para atender às necessidades únicas de cada aluno.

Além disso, a literatura aponta que a alfabetização desses alunos envolve não apenas aspectos cognitivos, mas também emocionais e sociais. A adaptação curricular, por exemplo, emerge como uma estratégia fundamental para garantir que o currículo seja acessível e significativo para todos os estudantes, independentemente de suas capacidades individuais (Gomes et al., 2022).

Deste modo, o desafio de alfabetizar crianças com (TEA) vai muito além do domínio de técnicas de ensino convencionais. Requer uma compreensão profunda das necessidades específicas desses alunos e um compromisso genuíno com a criação de um ambiente inclusivo que apoie seu desenvolvimento acadêmico e pessoal. Nesse sentido, as abordagens pedagógicas especializadas desempenham um papel crucial na promoção de uma educação equitativa e de qualidade para todos os alunos, independentemente de suas características individuais.

A literatura acadêmica oferece diferentes perspectivas sobre os desafios enfrentados pelos educadores na alfabetização de crianças com (TEA), destacando múltiplas perspectivas e complexidades envolvidas. Amaral (1998) discute as implicações sociais e emocionais das diferenças físicas, ressaltando como o preconceito pode impactar negativamente o ambiente educacional. Esse aspecto é crucial ao considerar como os professores lidam com a diversidade, incluindo crianças com necessidades específicas, dentro da sala de aula.

Martins et al. (2011) complementam essa visão ao enfatizar a importância da formação docente em educação inclusiva. Segundo os autores, a preparação adequada dos professores não se limita apenas ao conhecimento teórico, mas também à prática pedagógica que valorize e atenda às diferentes habilidades e necessidades dos alunos com (TEA). Esta perspectiva é essencial para entender como a falta de preparo pode contribuir para os desafios enfrentados pelos educadores na implementação de práticas educacionais inclusivas eficazes.

Por outro lado, Dourado et al. (2024) oferecem uma análise específica sobre os processos de alfabetização de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), destacando a importância de adaptações curriculares e de recursos para garantir que todos os alunos tenham acesso igualitário ao aprendizado.

Sasaki (2003) amplia essa discussão ao abordar a terminologia e o estigma associados às deficiências na sociedade contemporânea. O autor argumenta que a linguagem utilizada para descrever as diferenças individuais pode influenciar significativamente as percepções e as práticas educacionais. Isso é relevante para entender como os professores e a comunidade escolar podem promover um ambiente inclusivo através de uma linguagem e atitudes que valorizem a diversidade.

A pesquisa de Peters et al. (2021) sobre letramento de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) oferece uma análise detalhada sobre como os recursos educacionais podem ser adaptados para promover a alfabetização eficaz de crianças com necessidades específicas. Os autores destacam que o desenvolvimento de materiais didáticos acessíveis e apropriados é essencial não apenas para o sucesso acadêmico, mas também para o bem-estar emocional e social dos alunos atípicos dentro do contexto escolar.

Gomes et al. (2022) contribuem para a discussão ao explorar o processo de alfabetização de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) na perspectiva de professores e analistas pedagógicos. A pesquisa destaca as estratégias eficazes utilizadas pelos educadores para apoiar o aprendizado desses alunos, assim como os desafios enfrentados na implementação de práticas inclusivas dentro das escolas regulares.

Hernández Sampieri et al. (2013) oferecem uma abordagem metodológica sobre a pesquisa educacional, ressaltando a importância de métodos e técnicas adequadas para investigar questões relacionadas à inclusão educacional. A análise metodológica é fundamental para entender como os estudos sobre a alfabetização de crianças atípicas podem contribuir para o avanço das práticas pedagógicas inclusivas e para o desenvolvimento de políticas educacionais mais equitativas.

A formação docente emerge como um fator crucial na efetiva inclusão desses alunos no ambiente educacional regular. Conforme apontado por Martins et al. (2011), a preparação adequada dos professores é fundamental para a implementação de práticas inclusivas eficazes. No entanto, muitos educadores ainda enfrentam lacunas na sua formação inicial e continuada que não contemplam as necessidades específicas dos alunos atípicos (Martins et al., 2011).

A falta de formação adequada dos professores para lidar com a diversidade na sala de aula é um dos principais obstáculos enfrentados na alfabetização de crianças com (TEA), pois exige abordagens pedagógicas adaptadas às suas necessidades específicas. Conforme discutido por Gomes et al. (2022), a formação inicial dos educadores muitas vezes não inclui preparo específico para o ensino inclusivo, deixando-os despreparados para adaptar seus métodos de ensino às necessidades individuais dos alunos com deficiências. A ausência de estratégias pedagógicas diferenciadas pode resultar em frustração tanto para os professores quanto para os alunos, comprometendo o processo de aprendizagem (Gomes et al., 2022).

Além disso, a falta de laudos diagnósticos precisos pode comprometer a identificação precoce das necessidades individuais de aprendizagem dessas crianças, conforme discutido por Sasaki (2003). A ausência de um diagnóstico adequado não apenas dificulta a intervenção educacional adequada, mas também contribui para a perpetuação de estereótipos e preconceitos no ambiente escolar (Sasaki, 2003; Amaral, 1998).

No que diz respeito aos materiais didáticos, Peters et al. (2021) destacam a importância do letramento adaptado para crianças com necessidades específicas, enfatizando que os recursos pedagógicos devem ser selecionados de forma a promover a inclusão e o desenvolvimento cognitivo desses alunos. A falta de materiais adequados pode limitar severamente as oportunidades de aprendizagem dessas crianças, comprometendo seu progresso acadêmico e social (Peters et al., 2021).

Adicionalmente, a estrutura pedagógica das escolas precisa ser revista para atender às demandas diversificadas de aprendizagem. Segundo Gomes et al. (2022), a organização curricular e a gestão escolar desempenham um papel crucial na promoção de ambientes educacionais inclusivos. A falta de uma estrutura flexível e adaptável pode resultar em exclusão e marginalização desses alunos no contexto escolar (Gomes et al., 2022; Figueiredo, 2021).

Por fim, a ausência de apoio físico adequado também se mostra como um desafio significativo na alfabetização de crianças com (TEA). Como afirmado por Hernández Sampieri et al. (2013), as condições físicas das escolas devem ser adaptadas para garantir acessibilidade e segurança aos alunos com necessidades específicas. A infraestrutura escolar

deve ser projetada levando em consideração as necessidades individuais dos alunos atípicos, proporcionando um ambiente seguro e propício ao aprendizado (Hernández Sampieri et al., 2013).

2.1 Conceito de alfabetização e letramento

A alfabetização e o letramento são processos interdependentes e fundamentais para o desenvolvimento cognitivo e social dos indivíduos, especialmente na fase inicial da educação formal. A alfabetização, em termos gerais, refere-se à capacidade de decodificação e codificação de símbolos gráficos, isto é, à aprendizagem das habilidades básicas de leitura e escrita.

Já o letramento, por sua vez, transcende a mera aquisição dessas habilidades, englobando a capacidade de uso funcional da leitura e escrita em diversos contextos sociais. Ambos os conceitos, apesar de intimamente ligados, possuem distinções significativas que têm sido amplamente discutidas por estudiosos como Emília Ferreiro e Ana Teberosky em a “Psicogênese da Língua Escrita” (1979) e Magda Soares que de forma contundente aborda os conceitos de alfabetização e letramento em “Letramento: Um Tema em Três Gêneros” (1998).

Em sua obra seminal “Psicogênese da Língua Escrita”, Ferreiro e Teberosky, (1979) introduzem uma perspectiva inovadora sobre o processo de alfabetização, argumentando que a aquisição da escrita não se dá de forma linear e passiva, mas sim como resultado de um processo construtivo onde a criança, a partir de suas interações com o ambiente, vai progressivamente construindo hipóteses sobre o sistema de escrita.

Essa abordagem psicogenética rompe com a visão tradicional de alfabetização como um processo de transmissão de conhecimento, enfatizando a importância do papel ativo do aprendiz. Segundo a interpretação de De Oliveira Mello (2007), a teoria de Ferreiro valoriza a construção do conhecimento pela criança, apontando que o entendimento da escrita evolui à medida que o aluno interage com o mundo letrado, o que torna o processo de alfabetização mais dinâmico e contextualizado.

O conceito de alfabetização e letramento, amplamente discutido na literatura pedagógica, reflete a complexidade dos processos de aprendizagem da leitura e da escrita, que vão além do simples decifrar de códigos linguísticos.

De acordo com Silva (2023), a alfabetização deve ser compreendida como o processo inicial de aquisição do sistema alfabético de escrita, no qual o indivíduo aprende a reconhecer

e a reproduzir as letras e palavras, estabelecendo as primeiras relações entre os sons da fala e sua representação gráfica.

Entretanto, esse entendimento, por si só, não é suficiente para abarcar a totalidade das práticas sociais que envolvem a leitura e a escrita, o que leva à necessidade de se integrar o conceito de letramento ao de alfabetização.

Complementarmente, Silva (2022) analisa a contribuição de Magda Soares, uma das principais teóricas brasileiras no campo do letramento, que oferece uma visão abrangente e complexa sobre o tema. Soares define letramento como o resultado da ação de ensinar e aprender as práticas sociais de leitura e escrita, ou seja, a inserção do sujeito em uma cultura letrada.

A autora argumenta que o letramento implica não apenas em saber ler e escrever, mas em ser capaz de participar das práticas sociais que envolvem a leitura e a escrita. Essa concepção amplia a compreensão da alfabetização, visto que a aquisição das habilidades de leitura e escrita, por si só, não garante que o indivíduo esteja letrado.

Silva (2022) destaca que, segundo Soares (2003), o letramento é um processo contínuo e que a educação deve promover a capacidade de interpretar e produzir textos em diferentes contextos e gêneros, preparando o indivíduo para o pleno exercício da cidadania.

Ao se analisar as contribuições de Ferreiro e Teberosky (1986), bem como as de Soares, percebe-se que ambas as abordagens se complementam ao oferecer uma compreensão mais ampla e integrada dos processos de alfabetização e letramento.

Ferreiro e Teberosky se concentram na gênese da escrita e na construção do conhecimento pelo sujeito, enquanto Soares foca nas práticas sociais que envolvem o uso da leitura e escrita, evidenciando a necessidade de uma educação que não apenas alfabetize, mas que também letrar.

Dessa forma, conforme analisa Silva (2022), é possível inferir que o sucesso no processo de alfabetização está intrinsecamente ligado à promoção do letramento, pois a simples habilidade de ler e escrever não assegura a plena inserção do indivíduo na cultura letrada.

Portanto, a alfabetização e o letramento devem ser vistos como processos complementares e essenciais na formação dos indivíduos. A alfabetização, conforme discutido por Ferreiro e Teberosky (1986), é o ponto de partida, mas o letramento, segundo Soares, é o caminho para a inserção plena do indivíduo na sociedade.

Letramento, segundo Ferreiro e Teberosky (1986), refere-se ao uso social da leitura e da escrita, ou seja, à capacidade de aplicar as habilidades adquiridas na alfabetização em contextos reais de comunicação e interação social.

Essa visão é corroborada por De Oliveira Mello (2007), que salienta que o letramento implica não apenas a competência técnica, mas também a compreensão crítica dos textos lidos e escritos, considerando os diversos contextos em que essas práticas ocorrem. Assim, enquanto a alfabetização é o ponto de partida para a entrada no mundo da escrita, o letramento é a dimensão que confere sentido a essa aprendizagem, pois envolve a utilização prática e contextualizada da leitura e da escrita.

Silva (2023) argumenta que as contribuições de autores como Emília Ferreiro e Magda Soares são fundamentais para entender a inter-relação entre esses dois conceitos. A autora destaca que, segundo Ferreiro e Teberosky (1986), o processo de alfabetização deve ser pensado de forma dinâmica, levando em consideração as hipóteses que as crianças elaboram sobre a escrita ao longo de sua aprendizagem. Essa perspectiva psicogenética influenciou profundamente as práticas pedagógicas, trazendo à tona a importância de respeitar o ritmo e o processo cognitivo de cada criança.

Essa inter-relação entre os dois conceitos é fundamental para o desenvolvimento de práticas pedagógicas que não apenas ensinem as habilidades básicas de leitura e escrita, mas que também promovam a capacidade de utilização dessas habilidades de maneira crítica e reflexiva, como enfatizado por Silva (2022).

Assim, a educação deve contemplar ambos os processos, proporcionando aos alunos não só o aprendizado da escrita, mas também a capacidade de a utilizar em contextos variados e significativos, assegurando sua participação ativa e consciente na sociedade.

Além disso, a visão de letramento, como discutido por Soares, amplia a compreensão da alfabetização, incorporando a ideia de que ler e escrever são atividades que fazem parte de um conjunto mais amplo de práticas sociais e culturais (SILVA, 2023). Para que a alfabetização seja eficaz, é necessário que as práticas pedagógicas estejam alinhadas ao contexto sociocultural dos alunos, promovendo o letramento desde os primeiros momentos da educação formal.

A articulação entre alfabetização e letramento sugere, portanto, que o processo educativo deve ser orientado não apenas para o ensino técnico da leitura e da escrita, mas também para a formação de indivíduos críticos e participativos, capazes de utilizar essas habilidades de forma significativa em suas vidas.

A compreensão desses conceitos como interdependentes é essencial para a elaboração de práticas pedagógicas que não só ensinem a ler e a escrever, mas que também desenvolvam a capacidade dos alunos de compreender e interagir com o mundo ao seu redor, através da linguagem escrita.

2.2 Caminhos para a inclusão: práticas e desafios na Educação Especial

A inclusão e a educação inclusiva são pilares essenciais para a construção de uma sociedade mais justa e equitativa, onde todos os indivíduos, independentemente de suas diferenças, tenham acesso à educação de qualidade. No Brasil, a educação inclusiva objetiva assegurar que todas as crianças tenham acesso à educação de qualidade, independentemente de suas condições físicas, intelectuais, sociais ou culturais. Esse conceito tem como base o respeito à diversidade e a criação de um ambiente escolar acessível e acolhedor, onde as diferenças são valorizadas.

A Constituição Federal de 1988 estabelece, em seu artigo 205, que a educação é um direito de todos e um dever do Estado e da família, sendo promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando o pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 1988). Esse princípio é reforçado pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Brasil, 1996), que, em seu artigo 58, determina a oferta de educação especial preferencialmente na rede regular de ensino.

Logo após, a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2008), Constituiu um importante passo na promoção da inclusão, orientando que a educação especial deve ser transversal a todos os níveis, etapas e modalidades de ensino, garantindo o acesso, a participação e a aprendizagem dos estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento, como o Transtorno do Espectro Autista (TEA), e altas habilidades/superdotação, em classes comuns da educação regular (BRASIL, 2008). Essa política é complementada pelo Decreto nº 7.611/2011, que dispõe sobre a educação especial e o atendimento educacional especializado, assegurando que os sistemas de ensino devem se organizar para garantir as condições necessárias ao atendimento educacional especializado desses alunos (BRASIL, 2011).

A Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência), Lei nº 13.146/2015, desempenha um papel crucial ao prever, em seu artigo 28, que a educação é um direito fundamental e deve ser assegurada e promovida em todos os

níveis, em igualdade de condições com as demais pessoas, incluindo a oferta de ensino de forma inclusiva e a garantia de adaptações razoáveis e de recursos de tecnologia assistiva (BRASIL, 2015).

A legislação brasileira, como a Lei Brasileira de Inclusão (LBI), reforça o direito à inclusão, promovendo adaptações e recursos para que todos os alunos possam aprender e participar plenamente das atividades escolares; trata-se de um processo contínuo e profundo de transformação do sistema educacional, com o intuito de garantir que todas as crianças, incluindo aquelas diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista (TEA), possam aprender e se desenvolver em ambientes que respeitem e valorizem suas particularidades e potencialidades.

Conforme argumenta Cruz (2022), a educação inclusiva é uma resposta às barreiras que, historicamente, têm marginalizado ou excluído alunos com deficiência, especialmente aqueles com TEA. A autora enfatiza que, para que a inclusão seja verdadeiramente eficaz, é fundamental adotar práticas pedagógicas que sejam cuidadosamente ajustadas às necessidades específicas desses alunos.

Cruz (2022) sublinha a importância de estratégias pedagógicas que não apenas abordem o desenvolvimento acadêmico, mas também fomentem as habilidades cognitivas e sociais dos estudantes com TEA. A inclusão, portanto, só se torna uma realidade concreta quando há uma adaptação genuína do currículo e das metodologias de ensino para atender às particularidades desses alunos.

Na análise de Cruz (2022), a inclusão deve ser percebida não apenas como um direito assegurado por lei, mas como uma prática educativa que demanda um compromisso constante por parte dos educadores e das instituições em criar um ambiente de aprendizagem verdadeiramente acessível e acolhedor para todos.

A perspectiva de Uzeda (2019) complementa essa visão ao ampliar a discussão sobre a educação inclusiva, tratando-a como uma prática que deve abranger todos os níveis e modalidades de ensino. O objetivo central, segundo Uzeda, é promover a igualdade de oportunidades para todos os alunos. A autora argumenta que a educação inclusiva requer uma transformação profunda e abrangente das práticas pedagógicas tradicionais. Isso inclui a formação continuada de professores, a adaptação dos materiais didáticos, e a implementação de políticas públicas que apoiem de maneira eficaz a inclusão de alunos com TEA e outras deficiências.

Uzeda (2019) ressalta que a inclusão não é uma tarefa fácil; ela envolve desafios significativos tanto para os educadores, que precisam adaptar suas práticas pedagógicas,

quanto para as instituições de ensino, que devem se reestruturar para atender à diversidade de necessidades e estilos de aprendizagem presentes em uma sala de aula inclusiva. A análise de Uzeda indica que, para que a educação inclusiva seja efetiva, é fundamental que haja uma colaboração contínua entre todos os atores envolvidos no processo educacional, incluindo professores, gestores, famílias e a comunidade em geral.

Por outro lado, Dos Santos David et al. (2024) abordam de forma específica os desafios enfrentados na alfabetização e letramento de alunos com TEA dentro do contexto da educação inclusiva. Os autores destacam que, apesar da legislação brasileira garantir o direito à educação inclusiva, na prática, muitos alunos com TEA ainda encontram barreiras significativas que impedem seu pleno desenvolvimento acadêmico e social.

A análise dos autores revela uma lacuna considerável entre o que é estabelecido na legislação e o que ocorre nas práticas educacionais diárias. Eles argumentam que a inclusão efetiva de alunos com TEA não se resume à sua mera presença física nas escolas, mas exige a implementação de práticas pedagógicas inclusivas que respeitem as necessidades individuais desses alunos e promovam seu envolvimento ativo no processo de aprendizagem. Essas práticas devem ser capazes de engajar os alunos com TEA, permitindo que eles participem de forma significativa das atividades escolares, o que requer um planejamento pedagógico cuidadoso e diferenciado.

Ao examinar as contribuições de Cruz (2022), Uzeda (2019) e Dos Santos David et al. (2024), é evidente que a educação inclusiva é um campo complexo e multifacetado, que demanda a integração de diversas perspectivas e abordagens pedagógicas. Cruz (2022) destaca a necessidade de adaptar o currículo para atender às necessidades específicas dos alunos com TEA, enquanto Uzeda (2019) sublinha a importância de uma mudança estrutural nas práticas educativas e políticas públicas que sustentam a inclusão.

Por sua vez, Dos Santos David et al. (2024) focam nos desafios particulares enfrentados na alfabetização e letramento de alunos com TEA, enfatizando a importância de práticas pedagógicas que promovam o desenvolvimento integral desses alunos, assegurando que eles possam alcançar seu pleno potencial acadêmico e social dentro de um ambiente inclusivo.

Diante desse panorama, a educação inclusiva deve ser compreendida como um processo contínuo de transformação das práticas pedagógicas, com o objetivo de criar ambientes de aprendizagem que sejam não apenas acessíveis, mas também verdadeiramente acolhedores e responsivos às necessidades de todos os alunos.

A inclusão efetiva requer uma colaboração estreita entre diferentes atores e a adoção de práticas pedagógicas que respeitem as singularidades de cada estudante, com especial atenção para aqueles com TEA. Nesse sentido, o papel dos educadores e das instituições de ensino é crucial para garantir que a educação inclusiva não permaneça apenas como um ideal aspiracional, mas se concretize como uma realidade tangível e eficaz. Assim, é possível promover uma educação que não só inclua, mas também valorize e desenvolva as capacidades de todos os alunos, contribuindo de maneira significativa para a construção de uma sociedade mais justa, equitativa e inclusiva.

De acordo com Cunha (2020), não é necessário recorrer a métodos complexos ou complicados para implementar ideias pedagógicas. O dia a dia escolar é composto por elementos simples. Quanto mais conectamos a prática educativa a conteúdos que têm significado para os alunos, mais enriquecemos o processo de aprendizagem. A aprendizagem significativa não apenas expande o conhecimento, mas também faz com que o aluno amplie sua vivência escolar.

Para que a inclusão seja efetiva, é imprescindível que haja conscientização, aceitação das diferenças e a capacidade de conviver com a diversidade. Essa convivência é vantajosa tanto para o professor quanto para os alunos e todos os outros membros da comunidade escolar.

O professor precisa estar bem capacitado para atender alunos com deficiência, especialmente aqueles com autismo, compreendendo suas peculiaridades. Isso exige formação continuada, cursos específicos na área da educação especial e uma reflexão constante sobre o tema. Os professores devem realizar as adaptações curriculares necessárias para que os alunos com Transtorno do Espectro Autista possam aprender de forma equivalente aos demais alunos (TEODORO; GODINHO; HACHIMINE, 2016, p.136).

Segundo as autoras, é fundamental que os educadores e toda a equipe escolar realizem ajustes pedagógicos direcionados ao ensino de alunos com TEA, assegurando assim um aprendizado eficaz e garantindo o cumprimento do direito legal dos alunos, conforme estabelecido no artigo 27 da Lei nº 13.146/2015. A inclusão e a educação inclusiva no Brasil são respaldadas por uma sólida base legal, que assegura o direito à educação de qualidade para todas as crianças, independentemente de suas condições ou características.

Esse princípio é reforçado pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Brasil, 1996), que, em seu artigo 58, determina a oferta de educação especial preferencialmente na rede regular de ensino. Essas legislações mostram o compromisso do Estado brasileiro com a promoção de uma educação inclusiva e de qualidade, buscando

assegurar que todas as crianças, incluindo aquelas com TEA, tenham seus direitos garantidos em um ambiente educacional que respeite e valorize a diversidade. Portanto, a efetiva implementação dessas normas e políticas é essencial para a construção de uma sociedade mais justa e equitativa.

2.3 CONCEITO DE TEA

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição complexa e diversificada, que apresenta uma variedade de características que podem variar em gravidade e forma de manifestação. Classificado entre os Transtornos do Neurodesenvolvimento, o TEA se manifesta durante o desenvolvimento da criança e é caracterizado por déficits persistentes na comunicação e interação social em diversos contextos, além de padrões repetitivos e restritos de comportamento, interesses ou atividades (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2013).

O avanço da Neuropsicologia e Psicologia Cognitiva ao propor modelos cognitivos dos TEA indica a existência de alterações cognitivas relacionadas ao funcionamento executivo. De modo global, as funções executivas possuem uma diversidade de habilidades cognitivas que estão implicadas na organização comportamental, principalmente em acontecimentos novos e difíceis que necessitam de adaptação rápida às mudanças do meio (BURGOYNE et al., 2018).

Existe certo consenso entre os especialistas de que o autismo é decorrente de disfunções do sistema nervoso central (SNC), levando a um padrão de desenvolvimento da criança. Apesar das evidências de anormalidades no neurodesenvolvimento vinculadas ao autismo, a complexidade do SNC e a variabilidade de manifestações sintomatológicas tornam a etiologia do autismo ainda desconhecida. Essa desordem é considerada heterogênea e multifatorial, influenciada por fatores ambientais, genéticos e neurológicos (LORD et al., 2018).

As manifestações clínicas aparecem precocemente, muitas vezes evidenciadas antes dos dois anos de idade. O quadro clínico da criança pode variar amplamente em termos de níveis de gravidade, o que pode dificultar o diagnóstico correto e imediato. O diagnóstico do autismo infantil é baseado principalmente no quadro clínico do paciente, não havendo ainda um marcador biológico que o caracterize, sendo estabelecido com base em critérios comportamentais do DSM-5 (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2013).

A intervenção no TEA é um assunto extenso e complexo que envolve vários fatores. Portanto, não há respostas prontas e corretas para todos os casos. Cada caso é único e deve ter suas particularidades respeitadas. As soluções, estratégias ou dicas práticas sobre como intervir com pessoas com TEA devem levar em consideração uma série de aspectos (NATIONAL

AUTISM CENTER, 2015).

A literatura especializada oferece diversas perspectivas sobre as características do TEA, que podem ser observadas em diferentes níveis de intensidade, desde leve até severo, conforme descrito por Rosa e Albrecht (2022). Essas características incluem déficits na comunicação verbal e não verbal, tornando a interação e compreensão das instruções mais complexas.

Em vista disso, as maiores dificuldades de linguagem enfrentadas por crianças com autismo são relacionadas aos aspectos pragmáticos e à estruturação de narrativas. Limitações de compreensão sobre como as pessoas usam a linguagem para obter algo e na interpretação de narrativas, impedem o sujeito autista de compreender, enunciar e manter uma conversação. A teoria pragmática envolve os aspectos funcionais da linguagem, investigando as reações ou os efeitos de uma determinada emissão no ambiente ou no interlocutor, levando-se em conta tanto a linguagem verbal como não-verbal, os aspectos sociais e ambientais, ou seja, a relação entre a linguagem e o contexto.

A partir do momento em que a linguagem passa a ser vista não só como um código ou conjunto de regras gramaticais, mas também como atividade dialógica e cognitiva, é possível investigá-las em crianças com limitação ou ausência de linguagem, como no caso de algumas crianças autistas. Essa concepção de linguagem amplia o universo de investigação, na medida em que incluem os comportamentos não verbais no fenômeno da linguagem. A avaliação observacional, por exemplo, possibilitará obter dados qualitativos sobre os possíveis transtornos no desenvolvimento da linguagem, na medida em que não se preocupa com o número de respostas corretas ou incorretas da criança, mas com o funcionamento da linguagem. A partir dessa forma de avaliação, é possível se obter dados menos artificiais, ou seja, dados mais condizentes com a realidade comunicativo-linguística da criança.

Além disso, Rosa e Albrecht (2022) enfatiza que uma das manifestações mais evidentes do TEA é a dificuldade em sustentar o contato visual, que é um dos marcadores mais frequentes do transtorno. Desse modo, as crianças com (TEA) apresentam dificuldades em relação a estabelecer e manter o contato visual, sobre isso, Investigações com exames de imagem cerebral realizadas em indivíduos autistas descobriram diferenças localizadas principalmente nos sulcos frontais e temporais. Tal estudo encontrou anormalidades da anatomia e do funcionamento do lobo temporal de indivíduos autistas. Essas alterações estão localizadas bilateralmente nos sulcos temporais superiores (STS). O STS é uma região importante para a percepção de estímulos sociais e demonstram hipoativação na percepção de

face e cognição social (direção do olhar, expressões gestuais e faciais de emoção), e estão significativamente ligados com outras partes do “cérebro social”, tais como o Giro Fusiforme e a Amígdala.

Outro aspecto relevante apontado pelos autores é a presença de ecolalias, que se manifestam como a repetição de palavras ou frases ouvidas anteriormente. Esse fenômeno está intimamente relacionado às dificuldades que essas crianças enfrentam na compreensão e produção de linguagem espontânea. Entre as alterações linguísticas encontradas nas crianças com TEA, destaca-se o atraso na aquisição e desenvolvimento da linguagem, podendo apresentar comprometimentos linguísticos na morfologia, fonologia, sintaxe, semântica e pragmática. Tais alterações podem se manifestar tanto em relação à compreensão quanto à expressão. O uso funcional da linguagem está comprometido, havendo falhas ao iniciar ou manter a troca comunicacional; ecolalia e jargões; prosódia atípica no discurso; reversões de pronomes e, ainda, dificuldades em compreender sutilezas de linguagem, piadas, sarcasmos, humor e sentido figurado, bem como problemas para interpretar linguagem corporal, gestos e expressões faciais.

Adicionalmente, os autores destacam a ocorrência de estereotípias, que podem incluir movimentos repetitivos, como balançar o corpo ou bater as mãos, bem como rituais específicos que as crianças seguem rigidamente. Persico, Ricciardello e Cucinotta (2019) complementam essa análise ao discutir a presença de sintomas relacionados a distúrbios emocionais e comportamentais no TEA. Entre esses sintomas, destacam-se a ansiedade, irritabilidade, desatenção e agressividade, que podem ser exacerbados em situações de mudança ou quando as expectativas da criança não são atendidas. Os autores apontam ainda que a hiperatividade e os problemas de sono são comuns, afetando o bem-estar geral das crianças com TEA e, conseqüentemente, seu desempenho acadêmico e social. Esses sintomas comportamentais são frequentemente associados a desequilíbrios neuroquímicos que podem ser parcialmente modulados por intervenções farmacológicas e psicoterapêuticas, embora tais abordagens devam ser adaptadas às necessidades individuais de cada criança.

Outro aspecto relevante do TEA, abordado por Mendes et al. (2021), é a seletividade alimentar. Esse comportamento é caracterizado pela preferência por alimentos específicos, resistência em experimentar novos sabores e níveis reduzidos de apetite. A seletividade alimentar pode ter um impacto significativo na nutrição e no desenvolvimento físico das crianças com TEA, sendo uma preocupação comum entre pais e educadores. A seletividade alimentar discutida por Mendes et al. (2021) evidencia um dos muitos desafios enfrentados pelas famílias e educadores de crianças com TEA, sugerindo que a intervenção precoce e o

suporte contínuo são essenciais para promover o desenvolvimento saudável. Mendes et al. (2021) ressaltam que a intervenção nutricional, aliada a técnicas comportamentais, pode ser eficaz na ampliação da variedade alimentar dessas crianças, embora cada caso exija uma abordagem individualizada.

A complexidade do TEA é ainda mais evidente quando se considera a variabilidade na manifestação dos sintomas, conforme observado por Reis et al. (2019). Esses autores destacam que as manifestações do transtorno podem variar amplamente dependendo do nível de desenvolvimento da criança, das características apresentadas e da gravidade dos sintomas. Por exemplo, crianças com um nível leve de TEA podem apresentar apenas pequenos déficits de interação social e comunicação, enquanto aquelas com TEA severo podem exibir uma combinação de dificuldades significativas em todas as áreas do desenvolvimento. Reis e colaboradores enfatizam a importância de uma avaliação clínica detalhada para determinar o grau de comprometimento e, assim, planejar intervenções adequadas.

As particularidades comportamentais e a expressiva variabilidade de apresentações clínicas demonstradas por pessoas com TEA, aliados à escassez de formação profissional eficaz e de recursos em Saúde e Educação para esta área no Brasil, são fatos que contribuem para o expressivo volume de dúvidas e desdobramentos que o tema Intervenção nos TEA traz à tona.

Há evidências científicas e experiências práticas que nos mostram possibilidades e resultados sobre como podemos proceder em intervenções educacionais e terapêuticas nos TEA. Quanto mais precocemente a criança com TEA for encaminhada e avaliada de forma adequada, melhores poderão ser suas oportunidades de intervenção e de desenvolvimento. A intervenção precoce é fator fundamental na evolução de crianças com TEA. Este fato está diretamente relacionado à neuroplasticidade ao longo da primeira infância. Portanto, quanto mais precoce a intervenção, melhores os resultados para a criança e para sua família.

Ao mesmo tempo, as contribuições de Persico, Ricciardello e Cucinotta (2019) apontam para a necessidade de intervenções terapêuticas que abordem os distúrbios emocionais e comportamentais associados ao TEA, visando melhorar a qualidade de vida dessas crianças. Nesta perspectiva, podemos acrescentar a avaliação neuropsicológica, onde o avaliador pode-se valer de testes e de tarefas objetivas, questionários e escalas, como também entrevista clínica.

A neuropsicologia do TEA tem tomado força nas últimas décadas, por razão de fortes evidências de prejuízos neuropsicológicos nessa condição, e também por se tratar de uma abordagem que propõe uma investigação de prejuízos cognitivos e também de competências

do indivíduo (funções preservadas). A hipótese de comprometimento das funções executivas surgiu devido à constatação de semelhanças entre o comportamento de indivíduos com disfunção cortical pré-frontal e aqueles com TEA.

Através da neuropsicologia é possibilitado saber quais as áreas cerebrais são responsáveis pelos componentes executivos (habilidades cognitivas necessárias para o controle e regulação de pensamentos, emoções e comportamentos) explicando-nos estratégias clínicas e educativas que tem por objetivo principal, proporcionar ao sujeito com o transtorno do espectro do autismo, aprendizagens para o desenvolvimento da sua própria autonomia, algumas estratégias que possam contribuir para a aquisição e desenvolvimento de relações sociais, emocionais, comportamentais e comunicacionais, podendo ajudar na promoção de um desenvolvimento harmonioso e mais equilibrado destes sujeitos.

A avaliação neuropsicológica auxilia na constatação e também serve para descartar a suspeita. Pois uma vez que o diagnóstico de autismo tenha sido confirmado ou desconfirmado, os profissionais precisam determinar se algum encaminhamento ainda se faz necessário. Isso inclui encaminhamentos para diversos profissionais. Como ciência a neuropsicologia vem se destacando no que diz respeito ao transtorno do espectro autista, pelas evidências apresentadas tanto nos prejuízos cognitivos manifestados como no que diz respeito às competências e funções preservadas na criança com o transtorno. Através da avaliação neuropsicológica pode-se perceber quais as funções e as disfunções desenvolvidas pelo indivíduo com autismo, permitindo uma intervenção e tratamento nos mais diversos contextos da criança.

Para a construção e desenvolvimento das habilidades intelectuais, que são processos básicos, ou seja, para que elas surjam harmoniosamente, as baterias neuropsicológicas possibilitam uma avaliação tanto no que concerne ao desempenho cognitivo geral e global como também, no que diz respeito à determinação das funções específicas da atenção, da linguagem, da memória e das funções executivas. Estas funções podem ser avaliadas segundo o modelo luriano, havendo a explorar funções através de tarefas específicas ou avaliadas através de testes, escalas e baterias de avaliação neuropsicológicas estruturadas.

Um dos principais objetivos da avaliação neuropsicológica é analisar as funções executivas, ou seja, a capacidade de desenvolvimento e planejamento de estratégias para alcançar objetivos. Ela serve para avaliar lesões e disfunções cerebrais nos mais variados casos, assim auxilia na formulação de diagnóstico. Os resultados de uma avaliação neuropsicológica servem de subsídios para o delineamento de estratégia de intervenção, como a reabilitação neuropsicológica. Essa tem por objetivo trabalhar com aspectos cognitivos,

comportamentais e emocionais (prejudicados e preservados) associados aos quadros de lesões ou disfunções cerebrais, no intuito de melhorar a funcionalidade e a qualidade de vida.

Finalmente, a análise de Reis et al. (2019) sublinha a importância de uma abordagem individualizada na gestão do TEA, reconhecendo que cada criança é única e que as estratégias de intervenção devem ser adaptadas às suas necessidades específicas. Com base no entendimento do autor supramencionado, podemos dizer que a adaptação escolar de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma jornada complexa que envolve múltiplos desafios para pais e professores. O processo começa frequentemente com o reconhecimento e aceitação do diagnóstico. Para muitos pais, aceitar que seu filho tem uma condição que pode afetar seu desenvolvimento escolar e social é emocionalmente desafiador. A busca por escolas que ofereçam suporte adequado e a luta contra o estigma social associado ao TEA são realidades enfrentadas por muitas famílias.

Neste sentido, a compreensão e dedicação tanto dos pais quanto dos professores. Ao enfrentar esses desafios de frente e trabalhar juntos, é possível criar um ambiente onde todas as crianças, independentemente de suas diferenças, possam florescer e alcançar seu pleno potencial. Professores, por outro lado, enfrentam o desafio de compreender a ampla variabilidade do TEA. Cada criança com autismo é única, e o que funciona para uma pode não ser eficaz para outra. Há a necessidade de adaptação constante das estratégias pedagógicas para garantir que cada criança alcance seu potencial máximo.

Para que isso aconteça, o docente tem que organizar todos os sistemas metodológicos: adequar o ambiente, preparar os materiais, adequá-los às tarefas, selecionar objetivos adaptados e funcionais, integrar o trabalho da escola com a família e os outros profissionais, favorecer a comunicação alternativa e registrar as evoluções e dificuldades do aluno, lembrando que essa organização precisa estar sempre sob a supervisão de um profissional especializado, a saber, o psicopedagogo. Deve existir entre todos os profissionais que atuam na área da Educação uma enorme responsabilidade de trabalhar colaborativamente, delimitando o que cada profissional que atua no processo ensino e aprendizagem pode trazer como contribuição nas aprendizagens da criança autista, pois a educação é a base para que se alcancem todos os objetivos planejados.

Em vista disso, o trabalho com as atividades estruturadas vai de encontro ao nível cognitivo do aluno, e, cabe ao professor, na escola, e ao psicopedagogo, na clínica, avaliar o aluno para identificar o nível que ele se encontra, para poderem selecionar os materiais adequados de intervenção pedagógica e psicopedagógica. Uma análise do comportamento poderá ajudar na compreensão dos comportamentos e reações da criança autista e poderá

também colaborar com os procedimentos de ensino que deverão ser adotados na aplicação de atividades pedagogicamente pensadas para estimular habilidades específicas. Sendo assim, o professor deverá ter alguns cuidados ao confeccionar as atividades. Primeiramente, deve pensar em confeccionar diversas atividades com o mesmo objetivo, ou seja, repetir a habilidade (não a atividade), assim o aprendizado se torna significativo e evita que o aluno decore a atividade (forte característica do autismo).

A criança autista apresenta muitas barreiras comportamentais, como dificuldade na comunicação, no relacionamento, estereotipia, dentre outros, e enfrenta o despreparo dos docentes, ou seja, os profissionais não conseguem identificar as características do autista e como desenvolver o aprendizado desses estudantes, necessitando da supervisão de um especialista, principalmente na área da psicopedagogia, que é a responsável por avaliar, investigar e detectar dificuldades e habilidades da criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA).

O ensino estruturado abrange desde o ambiente a aplicação das atividades; o ambiente deve ser o mais limpo possível visualmente para não haver distrações. É importante desenvolver uma rotina de tarefas, o que contribui para diminuir a ansiedade do aluno, e as atividades aplicadas têm que seguir a ordem da escrita da esquerda para a direita e de cima para baixo. Dessa forma, o aluno autista pode aprender de forma intensiva e eficaz.

Existe uma vasta discussão quanto aos fatores etiológicos, à descrição do transtorno e às abordagens de intervenção. Ademais, devido à heterogeneidade do quadro, a etiologia das dificuldades na comunicação também é pouco compreendida, mas sabe-se que o comprometimento na comunicação e na linguagem é uma das características mais marcantes, sendo um elemento importante para identificação precoce do TEA. Tal comprometimento afeta, em graus variados, tanto as habilidades verbais quanto as não verbais.

A avaliação da comunicação deve explorar a comunicação não verbal, elementos prosódicos da fala, conteúdo e iniciativa conversacional, sintaxe, semântica e fonologia, reciprocidade e as regras conversacionais. Porém, tradicionalmente as manifestações de linguagem verbal e não verbal são interpretadas apenas como sintomas no TEA. É importante considerar a singularidade de cada caso e tornar objeto de escuta manifestações como as falas ecolalias, as estereotipias, os interesses, até mesmo os gritos e agitações. A observação e avaliação dessas manifestações são importantes para traçar um perfil da comunicação, que determinará os objetivos e estratégias de intervenção.

Dessa forma, o conceito de TEA é amplamente caracterizado por uma variedade de manifestações que exigem um entendimento aprofundado e uma abordagem integrada por

parte dos profissionais de saúde, educação e das famílias. A literatura aponta para a necessidade de práticas educacionais inclusivas, intervenções terapêuticas adequadas e suporte contínuo, todos adaptados às particularidades de cada criança com TEA. Assim, é possível criar um ambiente que não apenas acolha, mas também promova o desenvolvimento integral dessas crianças, contribuindo para sua inserção plena na sociedade.

3.METODOLOGIA

Neste estudo, a pesquisa bibliográfica foi adotada como o principal método de investigação, sendo complementada por uma abordagem descritiva. A opção por esse método fundamenta-se na intenção de explorar, de forma detalhada e abrangente, as estratégias de alfabetização e letramento voltadas para crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), conforme apresentadas na literatura acadêmica de língua espanhola.

Conforme Marconi e Lakatos (2003), a pesquisa bibliográfica é um procedimento que se caracteriza pela investigação em materiais previamente publicados, como livros, artigos científicos, teses e dissertações, que abordam diretamente o tema de interesse. Esse método é essencial para a construção de um referencial teórico sólido, pois permite a identificação e análise dos principais conceitos, teorias e resultados de pesquisas que já foram desenvolvidas sobre o assunto.

A abordagem descritiva, por sua vez, visa proporcionar um retrato detalhado e sistemático das características e desafios que permeiam o processo de alfabetização de crianças com TEA.

De acordo com Gerhardt e Silveira (2009), a metodologia descritiva é especialmente adequada quando o objetivo da pesquisa é compreender, de forma minuciosa, a realidade estudada, sem a intenção de interferir ou modificar o fenômeno observado. Nesse contexto, o estudo descritivo realizado nesta pesquisa permitiu mapear e categorizar as diversas práticas pedagógicas e estratégias de ensino que têm sido propostas para a alfabetização de crianças com TEA, conforme relatado na literatura científica disponível.

A relevância da pesquisa bibliográfica como método foi destacada por De Sousa, De Oliveira e Alves (2021), que enfatizam a importância desse tipo de investigação para a consolidação do conhecimento científico. Segundo os autores, a pesquisa bibliográfica possibilita uma visão panorâmica e crítica do estado da arte de determinado tema, permitindo que o pesquisador identifique tendências, divergências e lacunas na literatura existente.

Com base nesses princípios, a pesquisa aqui desenvolvida realizou uma revisão integrativa da literatura, um tipo específico de revisão bibliográfica que busca sintetizar os

achados de diferentes estudos para construir um entendimento mais amplo e aprofundado sobre o tema investigado (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2013).

A revisão integrativa, conforme discutido por Dos Santos Batista e Kumada (2021), é uma metodologia que combina as características da revisão sistemática e da revisão narrativa, permitindo ao pesquisador uma maior flexibilidade na seleção e análise dos estudos incluídos na pesquisa.

Neste estudo, foram estabelecidos critérios rigorosos para a inclusão dos materiais revisados, garantindo que somente estudos relevantes e metodologicamente robustos fossem considerados. Esses critérios incluíram a relevância do estudo para o tema da alfabetização de crianças com TEA, a data de publicação, priorizando-se pesquisas recentes, e a qualidade metodológica, avaliada com base nos critérios estabelecidos por Gil (2008).

Além disso, a pesquisa bibliográfica realizada foi estruturada em conformidade com os princípios metodológicos delineados por Gerhardt e Silveira (2009). Esses autores ressaltam que uma pesquisa bibliográfica bem conduzida deve seguir um planejamento criterioso, que inclua a definição clara dos objetivos de pesquisa, a seleção criteriosa das fontes e a organização dos dados coletados de forma que estes contribuam efetivamente para a construção do referencial teórico.

Dessa maneira, a metodologia adotada neste estudo não apenas assegurou a cobertura abrangente do tema, mas também garantiu que as conclusões fossem fundamentadas em evidências sólidas e diversificadas. A pesquisa descritiva, conforme argumentado por Machado (2023), é particularmente eficaz para estudos que visam mapear fenômenos educacionais, como é o caso da alfabetização de crianças com TEA.

Essa abordagem permite ao pesquisador identificar e descrever, de forma detalhada, as diferentes estratégias e práticas pedagógicas que têm sido desenvolvidas para atender às necessidades específicas dessas crianças. Além disso, a metodologia descritiva proporciona uma compreensão mais clara dos desafios enfrentados pelos educadores e pelas instituições de ensino ao implementar essas estratégias, contribuindo para a formulação de recomendações práticas e embasadas para a melhoria do processo educacional.

Michel (2008) também destaca a importância de uma abordagem metodológica rigorosa na condução de pesquisas bibliográficas, enfatizando que a credibilidade e a validade dos resultados obtidos dependem diretamente da qualidade e da profundidade da análise das fontes consultadas. Nesse sentido, a pesquisa realizada buscou não apenas compilar informações sobre o tema, mas também realizar uma análise crítica e comparativa dos diferentes estudos revisados, identificando pontos de convergência e divergência nas

abordagens propostas e avaliando a aplicabilidade das estratégias descritas em diferentes contextos educacionais.

Outro aspecto relevante da metodologia utilizada foi a preocupação com a representatividade e a diversidade das fontes selecionadas. Conforme sugerido por Sampaio (2022), a revisão da literatura deve abranger uma ampla gama de estudos, incluindo diferentes perspectivas teóricas e metodológicas, para assegurar uma visão completa e equilibrada do tema investigado.

Sendo assim, foram incluídos na revisão tanto estudos quantitativos quanto qualitativos, permitindo uma compreensão mais ampla e aprofundada das estratégias de alfabetização e letramento para crianças com TEA.

A pesquisa bibliográfica, conforme definida por Marconi e Lakatos (2003), é um método que permite ao pesquisador explorar de forma sistemática e crítica o conhecimento já existente sobre determinado tema, servindo como base para a construção de novas hipóteses e para o desenvolvimento de estudos futuros. Neste contexto, a pesquisa descritiva desenvolvida neste estudo buscou mapear e categorizar as principais estratégias pedagógicas e práticas de ensino identificadas na literatura acadêmica, com o objetivo de proporcionar um panorama detalhado e atualizado sobre o processo de alfabetização de crianças com TEA.

Por fim, a escolha por uma abordagem metodológica que combina a pesquisa bibliográfica e a metodologia descritiva foi orientada pela necessidade de proporcionar uma compreensão abrangente e detalhada das práticas educacionais voltadas para a alfabetização de crianças com TEA.

Como argumentado por Mattar e Ramos (2021), essa combinação metodológica é particularmente eficaz em estudos que buscam não apenas descrever o estado da arte de um determinado tema, mas também identificar lacunas na literatura e sugerir novas direções para pesquisas futuras. Dessa forma, o presente estudo não apenas contribui para o avanço do conhecimento na área da educação inclusiva, mas também oferece subsídios para a formulação de políticas educacionais e práticas pedagógicas mais efetivas e inclusivas.

3.1 Descrição do levantamento bibliográfico

A metodologia deste estudo tem como objetivo central reconhecer, avaliar e sistematizar as estratégias pedagógicas recomendadas para a alfabetização e o letramento de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), visando colaborar diretamente na capacitação dos professores para lidar com as demandas específicas desses alunos. Nesse

sentido, a pesquisa busca mapear as práticas educativas mais eficazes e identificar como essas metodologias podem ser aplicadas em sala de aula, promovendo uma educação mais inclusiva e adaptada às particularidades do TEA.

Para a realização deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), foi realizada uma busca criteriosa de textos que fundamentassem a investigação, abrangendo uma ampla gama de fontes acadêmicas. O processo de seleção dos materiais envolveu consultas a bases de dados reconhecidas, como Google Acadêmico, Scielo, CAPES Periódicos, a Revista Brasileira de Educação Especial, além do Biblioteca Brasileira de Teses e Dissertações. Essas fontes foram selecionadas pela sua credibilidade e abrangência, permitindo que a pesquisa fosse embasada em estudos de alta qualidade. Além disso, foram considerados livros, artigos científicos, monografias, Trabalhos de Conclusão de Curso (TCCs) e revistas científicas, garantindo uma diversidade de perspectivas e abordagens que contribuíram para a robustez da discussão teórica e metodológica.

Dos materiais encontrados, foram selecionados seis textos que tratavam diretamente do tema central do estudo, relacionados à alfabetização de crianças com TEA e às estratégias pedagógicas aplicáveis. A escolha dessas obras seguiu critérios rigorosos, priorizando a relevância temática e a pertinência acadêmica. Trabalhos publicados nos últimos dez anos foram privilegiados para assegurar que a pesquisa se mantivesse atual e alinhada com os avanços mais recentes no campo educacional. Essa abordagem garantiu que os dados discutidos fossem recentes, permitindo uma análise mais precisa sobre as práticas pedagógicas vigentes.

Os critérios de escolha também levaram em consideração a qualidade das publicações e a confiabilidade das fontes, com especial atenção aos estudos de maior impacto acadêmico e rigor metodológico. Foi dada prioridade a pesquisas que oferecessem uma visão crítica e abrangente sobre o tema, abordando a alfabetização de crianças com TEA em diferentes contextos escolares e socioeconômicos. Tal perspectiva ampliou a discussão, permitindo uma análise mais completa sobre os desafios e oportunidades no processo de alfabetização dessas crianças.

Com base nas informações extraídas dos artigos previamente selecionados, foi elaborado um quadro que sistematiza os dados mais relevantes, incluindo o nome dos autores, ano de publicação, tema central, palavras-chave, fonte da publicação e outros aspectos importantes para a pesquisa. Esse quadro oferece uma visão clara e organizada das contribuições de cada estudo, facilitando a análise comparativa e a identificação de padrões e lacunas na literatura sobre a alfabetização de crianças com TEA.

4. ANÁLISE

AUTOR	ANO	TEMA	PALAVRAS-CHAVE	PUBLICAÇÃO
Raquel Rodríguez Segura	2020	Proposta de intervenção psicoeducativa para o ensino de leitura e escrita em crianças com autismo.	Autismo, lectoescritura, intervenção psicoeducativa, educação inclusiva	Universidade de La Rioja, TFG (Trabalho de Fim de Graduação)
OBJETIVOS DAS PESQUISAS			RESULTADOS	
Propor uma intervenção psicoeducativa para o ensino de leitura e escrita em crianças com autismo, dentro de um contexto de educação inclusiva.			A intervenção psicoeducativa demonstrou melhorias significativas no desenvolvimento de habilidades de leitura e escrita, mostrando que o uso de estratégias adaptadas às necessidades das crianças com TEA pode promover a inclusão e o aprendizado efetivo.	

PUBLICAÇÃO	PALAVRAS-CHAVE	TEMA	ANO	AUTOR
Universidade Técnica de Ambato, Dissertação de Mestrado	Autismo, lectoescritura, estratégias lúdicas, desenvolvimento infantil	Estratégias lúdicas para o desenvolvimento da leitura e escrita em crianças com autismo.	2021	
RESULTADOS		OBJETIVOS DAS PESQUISAS		
Os resultados indicam que o uso de estratégias pedagógicas adaptadas, com foco no desenvolvimento individualizado, favorece o processo de alfabetização de crianças com TEA, melhorando sua interação e compreensão.		Explorar os processos de alfabetização e letramento em crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), avaliando a eficácia das estratégias pedagógicas utilizadas.		

AUTOR	ANO	TEMA	PALAVRAS-CHAVE	PUBLICAÇÃO
Deisy Guanoluisa, Alicia Jaqueline Álvarez Mérida, Lina Facia Izurieta Mena, Rosario de Lourdes Paredes Morales	2021	Uso do conto infantil para melhorar a linguagem em crianças com autismo	conto, linguagem, transtorno do espectro autista (TEA)	Revista EDUCARE , vol. 25, n. 1, 2021 link para o artigo
OBJETIVOS DAS PESQUISAS			RESULTADOS	
Investigar como o uso de contos infantis pode melhorar a linguagem em crianças com TEA.			O uso de contos infantis contribuiu significativamente para o desenvolvimento da linguagem e comunicação na crianças com TEA, reforçando o papel da narrativa como ferramenta educativa eficaz.	

AUTOR	ANO	TEMA	PALAVRAS - CHAVE	PUBLICAÇÃO
Zambrano Montes, Lubis Carmita, Saltos Intriago, Claudia Monserrate	2021	Uso da narrativa literária como estratégia docente para crianças com TEA	Estratégias metodológicas, habilidades comunicativas, narrativa literária, TEA	REVISTA
OBJETIVOS DAS PESQUISAS			RESULTADOS	
Avaliar a eficácia da narrativa literária como estratégia docente para crianças com TEA, focando no desenvolvimento das habilidades comunicativas.			A implementação da narrativa literária como estratégia pedagógica demonstrou ser eficaz no aprimoramento das habilidades comunicativas, ampliando o vocabulário e a capacidade de expressão das crianças com TEA.	

AUTOR	ANO	TEMA	PALAVRAS-CHAVE	PUBLICAÇÃO
Yaima Rodríguez Sánchez, Ofelia Rodríguez	2018	Alfabetização e letramento de crianças com Transtorno do Espectro Autista	Transtorno do espectro autista, letramento, método.	Conrado, vol. 14, no. 63, p. 274-278. Disponível em: Revista

Pérez, Xiomara García Navarro		(TEA) através da leitura globalizada.		<u>Conrado(University of Conrado Fernandez).</u>
OBJETIVOS DAS PESQUISAS			RESULTADOS	
Analisar o impacto do método de leitura globalizada no processo de alfabetização e letramento de crianças com TEA.			O método de leitura globalizada mostrou-se eficaz no avanço do letramento, permitindo que as crianças com TEA desenvolvessem habilidades de leitura e escrita de maneira mais contextualizada e natural.	

AUTOR	ANO	TEMA	PALAVRAS-CHAVE	PUBLICAÇÃO
Sundarine Rodríguez, Pamela Pimentel	2020	Processos de alfabetização em crianças com Transtorno do	Transtorno do Espectro Autista (TEA), Alfabetização, Letramento,	Publicado em revistas acadêmicas sobre educação e desenvolvimento infantil
OBJETIVOS DAS PESQUISAS			RESULTADOS	
Investigar os processos de alfabetização e letramento em crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), analisando as práticas pedagógicas e suas implicações para o desenvolvimento dessas crianças.			Os resultados indicam que estratégias pedagógicas adaptadas às necessidades das crianças com TEA, como o uso de recursos visuais e atividades lúdicas, promovem um progresso significativo no processo de alfabetização. Foi observado que a individualização do ensino é crucial para o sucesso dessas crianças, melhorando tanto o desenvolvimento da leitura quanto da escrita.	

4.1 Apresentação dos estudos

A alfabetização de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) envolve desafios que demandam abordagens pedagógicas diferenciadas e uma infraestrutura educacional adaptada para atender às necessidades singulares desses alunos. O TEA se manifesta por meio de déficits em áreas como a comunicação, a socialização e comportamentos repetitivos, aspectos que podem interferir de maneira significativa no processo de alfabetização. Esses fatores exigem estratégias específicas que promovam a

inclusão e o desenvolvimento de habilidades sociais, além de um ambiente de aprendizagem inclusivo e sensível às particularidades de cada criança.

A literatura oferece direções para lidar com diversas dificuldades presentes nesse contexto, como observado por Segura (2020). O autor sugere a relevância das pesquisas em nível de mestrado e doutorado, articuladas à formação de professores e à urgência em sua ampliação, principalmente aquelas que associam os fundamentos teóricos às suas possibilidades práticas e os estudos que expliquem, claramente, como se efetiva a aprendizagem de indivíduos diagnosticados com TEA. Além disso, em sua pesquisa, o autor supracitado, apresenta ressalvas em relação à alfabetização, pois a preocupação ainda incidiu sobre elementos da fonologia e decodificação, em detrimento de outros aspectos, ao mesmo tempo em que o letramento ficou à margem das pesquisas, considerando que, em vinte produções, apenas duas fizeram referência a esse processo.

À vista disso, Guanoluisa, Mérida, Mena e Morales (2021) explicam que a alfabetização e o letramento, embora conceitos distintos, são processos que se complementam e, por isso, não podem ser dissociados. A alfabetização refere-se ao domínio da tecnologia da escrita, ou seja, à aquisição de habilidades técnicas de leitura e escrita, enquanto o letramento envolve a capacidade de aplicar essas habilidades em diferentes contextos sociais e culturais. Essa interdependência revela a complexidade dos dois processos, que não se limitam ao simples aprendizado das letras e palavras, mas abrangem também a inserção dos indivíduos nas práticas sociais de leitura e escrita, possibilitando sua participação ativa e crítica na sociedade.

A ausência de uma estrutura pedagógica adequada é outro fator que compromete a alfabetização de crianças com TEA, conforme apontado por Galán (2021). As escolas enfrentam desafios e resistências, pois a inclusão não se limita à garantia de acesso ao ambiente escolar, mas requer a aprendizagem dos conhecimentos, considerando as especificidades do TEA, marcadas, principalmente, pelas dificuldades de interação social e da visão caricaturizada que a comunidade ainda tem desses estudantes. Ainda nesta perspectiva, a autora discute que a busca pela socialização do autista tem como parâmetro o cumprimento de regras e de comportamentos similares aos de outras crianças, além do desconhecimento dos professores em relação às peculiaridades do TEA, o sentimento de despreparo para trabalhar com esses(as) alunos(as), a presença de preconceito vinculado ao transtorno, e as dificuldades para garantir a inclusão escolar em cumprimento à legislação.

Além disso, os materiais pedagógicos inapropriados para o uso em sala de aula representam outro obstáculo significativo, como discutido por Montes, Intriago e Carmita

(2021). Os autores destacam a importância de adaptar o planejamento escolar e o projeto pedagógico à realidade do aluno autista, incluindo-o nas atividades escolares e na interação com os colegas. Defendem que o planejamento deve incluir adaptações dos objetivos, conteúdos, ambiente, materiais e avaliação, sempre que necessário, de modo a construir um vínculo com o estudante. Para mais, ressaltam a necessidade de acolhimento pela escola, tanto do aluno quanto de sua família, por meio de entrevistas para identificar gostos, medos, potencialidades e dificuldades.

Rodríguez e Pimentel (2020) afirmam que o processo de ensino/aprendizagem é complexo e multifacetado, sendo influenciado por uma ampla gama de fatores, incluindo a condição individual da criança, como a presença de possíveis transtornos, distúrbios ou deficiências físicas e cognitivas, que podem afetar diretamente sua capacidade de aprender. Ademais, os autores destacam que aspectos sociais, como o ambiente familiar e a interação com colegas, bem como fatores financeiros que podem impactar o acesso a recursos educacionais adequados, desempenham um papel crucial no desenvolvimento do aluno. Os autores ainda ressaltam que as deficiências persistentes na comunicação e na interação social, típicas de crianças com certos transtornos, se manifestam de diversas formas, como nas limitações na reciprocidade social e emocional, nas dificuldades com comportamentos de comunicação não verbal, e na capacidade de iniciar, manter e compreender relacionamentos interpessoais.

Ainda nesta perspectiva, a alfabetização dessas crianças requer uma abordagem interdisciplinar, onde os conhecimentos e práticas de diferentes áreas do saber são integrados para oferecer um ensino personalizado e eficaz conforme discutido por Rodríguez Sánchez, Rodríguez Pérez e García Navarro (2018). O aluno com (TEA) precisa de um ensino direcionado que o oriente a expressar seu pensamento e possibilitar a sua emancipação. As atividades devem estar voltadas para a ludicidade e interação para que o ensino não se torne “cansativo”, “chato” e “decoreba”. As metodologias apresentadas, pelo professor, em sala de aula devem estimular a criatividade e a participação do aluno autista.

A análise das obras de Segura (2020), Guanoluisa, Mérida, Mena e Morales (2021), Galán (2021), Montes, Intriago e Carmita (2021), Rodríguez e Pimentel (2020) e Rodríguez Sánchez, Rodríguez Pérez e García Navarro (2018) revela que a alfabetização de crianças com TEA é um processo complexo que demanda uma reavaliação das práticas pedagógicas e da infraestrutura educacional. Além disso, a alfabetização de crianças com TEA exige uma abordagem integrada e colaborativa, onde todos os envolvidos no processo educativo

trabalhem juntos para criar um ambiente de aprendizagem que seja verdadeiramente inclusivo e acolhedor.

Por conseguinte, o sucesso na alfabetização dessas crianças não depende apenas do esforço individual dos professores, mas também do comprometimento das instituições de ensino e das políticas públicas em oferecer os recursos e o suporte necessários. Isso inclui a formação continuada de docentes, a adaptação do currículo, a disponibilização de materiais didáticos acessíveis e o acompanhamento especializado. Além do mais, é fundamental que as políticas educacionais assegurem a inclusão dessas crianças em ambientes que favoreçam a socialização e o aprendizado, promovendo práticas pedagógicas inclusivas que respeitem suas particularidades. Dessa forma, é possível garantir que as crianças com TEA tenham acesso a uma educação de qualidade que não só respeite suas especificidades, mas também potencialize seu pleno desenvolvimento acadêmico, social e emocional.

As políticas educacionais inclusivas não apenas representam um requisito legal, mas também são essenciais para garantir que as instituições de ensino possuam os recursos adequados e as condições necessárias para proporcionar uma educação de qualidade a essa população específica. Segundo as observações de Barreto (2021), a ausência de políticas públicas bem delineadas, que assegurem um financiamento contínuo e adequado, além de investimentos na formação continuada dos educadores, compromete significativamente os avanços individuais e coletivos em direção à inclusão plena. Para mais, essas políticas devem ser integradas de maneira sistemática entre os diferentes níveis de governo, comunidades locais e as próprias instituições de ensino, para que se construa uma base sólida de suporte educacional inclusivo.

Outrossim, a formação de professores, por exemplo, deve ser constantemente revisitada e aprimorada para garantir que os profissionais estejam preparados para lidar com as demandas específicas das crianças com TEA, promovendo estratégias pedagógicas eficazes e adaptadas. Igualmente importante é a garantia de um ambiente escolar inclusivo, onde adaptações físicas e pedagógicas sejam implementadas de forma a contemplar as diversas necessidades dos alunos, promovendo não apenas o aprendizado acadêmico, mas também o desenvolvimento social e emocional.

Essas iniciativas não devem ser vistas de forma isolada, mas como parte de um esforço mais amplo de construção de uma educação que seja verdadeiramente equitativa. O foco deve estar na criação de oportunidades reais e significativas de aprendizagem para todos os alunos, respeitando suas individualidades e garantindo que nenhum seja deixado para trás devido à falta de recursos ou de preparação adequada. Nesse contexto, o papel das políticas públicas é

não apenas fornecer as diretrizes, mas também assegurar que as práticas inclusivas sejam sustentáveis e capazes de promover mudanças efetivas.

Sendo assim, o impacto dessas políticas se estende para além da escola, contribuindo para a inclusão social e o desenvolvimento integral das crianças com TEA. Ao garantir que essas crianças tenham acesso a uma educação inclusiva e de qualidade, estamos promovendo sua participação ativa na sociedade, fortalecendo sua capacidade de exercer seus direitos e deveres como cidadãos. Assim, as políticas públicas inclusivas desempenham um papel central na promoção de uma sociedade mais justa e equitativa, onde a diversidade é valorizada e todos têm a oportunidade de atingir seu pleno potencial.

4.2 Identificar as Estratégias

Para a superação dos desafios da aprendizagem de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA), é fundamental adotar estratégias que promovam a inclusão de maneira efetiva no ambiente escolar. Uma das primeiras medidas é adaptar o planejamento escolar, levando em consideração as particularidades de cada aluno, como o ritmo de aprendizado e suas preferências sensoriais. É importante criar atividades que estimulem tanto as habilidades cognitivas quanto sociais, promovendo a interação entre o aluno com TEA e os colegas de classe. A equipe pedagógica deve estar em constante diálogo com a família e profissionais especializados, garantindo um acompanhamento integral. Dessa forma, o projeto pedagógico não só favorece a aprendizagem individual, como também reforça a convivência inclusiva, ampliando as oportunidades de desenvolvimento para todos os envolvidos.

Nesse sentido, é de suma importância que haja uma comunicação direta entre os familiares do aluno, profissionais de educação, fonoaudiólogos, psicopedagogos, pediatras, psiquiatras, neurologistas, terapeutas ocupacionais para o desenvolvimento cognitivo, afetivo e social do aluno autista. O aluno com (TEA) precisa de um ensino direcionado que o oriente a expressar seu pensamento e possibilitar a sua emancipação. As atividades devem estar voltadas para a ludicidade e interação para que o ensino não se torne “cansativo”, “chato” e “decoreba”. As metodologias apresentadas, pelo professor, em sala de aula devem estimular a criatividade e a participação do aluno autista.

A literatura é uma grande aliada para a alfabetização e a inclusão do aluno autista. Ela contribui para práticas alfabetizadoras despertando no aluno a imaginação. O texto literário associado ao uso de imagens promove um aprendizado rico de significado, possibilitando o aluno expressar seus sentimentos e emoções. Uma boa dica é a utilização da literatura infantil

e a produção de textos, através de desenhos. Os processos de alfabetização em crianças autistas devem ser específicos em razão da individualidade de cada aluno. É importante também que os pais e familiares, estimulem a leitura em casa.

Para o processo de letramento, o docente poderá utilizar animais ou personagem favoritos da criança para despertar o interesse pela tarefa. Em criança com pouca coordenação motora o professor poderá realizar atividades que desenvolvam a coordenação, através de tarefas em que a criança possa amassar papel, recortar, pegar pequenos objetos, essas estratégias poderão ajudar a produção da escrita. Para permitir o desenvolvimento cognitivo do aluno, o educador poderá: estimular o interesse por brinquedos ensinando-lhe a brincar de forma adequada e sempre explicando o que está fazendo e o que vai fazer. Estimular jogos que use a imaginação da criança, explicando que ela pode ganhar ou perder o jogo.

Além disso, faz necessário que o docente receba atentamente as respostas do aluno com paciência quando lhe fizer uma pergunta ou proponha uma atividade. Sempre procurando elogiar a criança quando ela atender as suas solicitações, promovendo assim a interação social. É importante utilizar atividades que desenvolva também o psicomotor e o sensorial da criança a exemplo de texturas diferentes, elementos da natureza água, areia, etc. Promova situações que incentivem a convivência com outras crianças ou pessoas da mesma faixa etária. Evite o excesso de sons misturados, televisão e a circulação excessiva de pessoas.

Essas foram algumas estratégias que poderão ser utilizadas na sala de aula para facilitar o processo de alfabetização e letramento de crianças autista. Entretanto, são muitos os obstáculos que precisam ser superados para a inclusão de alunos com (TEA) nas escolas públicas do Brasil. Sabemos que, apesar das diversas conquistas, a inclusão de alunos com deficiência ainda está longe do ideal. No entanto, é possível que a escola, mesmo com pouco recurso e tempo, contribua para o processo de ensino/aprendizagem do aluno com (TEA).

A seguir, apresento um quadro que reúne as estratégias propostas por diferentes autores, detalhando suas respectivas descrições e como podem ser aplicadas no contexto da sala de aula. Cada estratégia foi selecionada com base em sua relevância para o processo de alfabetização e letramento de crianças, especialmente aquelas com necessidades educacionais específicas, como o Transtorno do Espectro Autista (TEA). A aplicação em sala de aula é explicada de forma a facilitar a implementação por educadores, garantindo uma abordagem prática e eficaz.

No texto de Raquel Rodríguez Segura (2020) intitulado Proposta de intervenção psicoeducativa para o ensino de leitura e escrita em crianças com autismo, a autora propõe

estratégias voltadas para o desenvolvimento de habilidades de leitura e escrita em crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA).

Quadro 1: Estratégias para o Desenvolvimento de Habilidades de Leitura e Escrita em Crianças com TEA

Estratégia	Descrição	Aplicação em Sala de Aula
Ensino Estruturado	Organização do ambiente e das tarefas de forma previsível, com atividades claras e sequenciais para facilitar a compreensão da criança com TEA.	Criar uma rotina visual na sala de aula, utilizando cronogramas visuais ou quadros com imagens para cada etapa do processo de leitura e escrita. Separar a atividade em pequenas tarefas que a criança pode realizar gradualmente.
Uso de Reforço Positivo	Utilizar incentivos para reforçar comportamentos adequados ou conquistas, como o progresso na leitura e escrita.	Oferecer recompensas como elogios, adesivos ou pequenas recompensas tangíveis sempre que a criança concluir uma atividade de leitura ou escrever uma palavra. Isso motiva a criança a continuar aprendendo.
Método Fônico	Focar no ensino dos sons das letras e a correspondência entre fonemas e grafemas para desenvolver a leitura.	Introduzir letras com sons claros e associá-los a imagens de objetos familiares (ex: "A" para "árvore"). Praticar o reconhecimento de sons e sua associação com letras de maneira repetitiva e sistemática.
Intervenção Individualizada	Adaptar o ensino às necessidades específicas da criança com TEA, levando em consideração o nível de desenvolvimento e os interesses pessoais.	Realizar atividades de leitura e escrita baseadas nos interesses da criança, como o uso de temas que ela goste (ex: animais ou veículos). Planejar tarefas que estejam dentro

		do nível de habilidade da criança, promovendo desafios graduais.
Estímulo Multissensorial	Utilizar diferentes canais sensoriais (visual, auditivo, tátil) para ensinar leitura e escrita.	Incluir materiais sensoriais como letras de feltro ou areia para traçar com os dedos, além de atividades auditivas como a repetição dos sons das letras. Combinar o visual com o tátil para reforçar o aprendizado de letras e palavras.
Aprendizagem Mediada por Tecnologias	Uso de dispositivos digitais ou aplicativos interativos que auxiliam na leitura e escrita, adaptados às necessidades de crianças com TEA.	Utilizar tablets ou computadores com aplicativos que ensinam a leitura de forma interativa, por meio de jogos educativos e recursos visuais que mantenham o foco da criança. Aplicar atividades que permitam que a criança manipule elementos com os dedos, promovendo o engajamento.

Essas estratégias são desenvolvidas para proporcionar uma abordagem inclusiva e personalizada, respeitando o ritmo e as particularidades das crianças com TEA, de forma a promover um ambiente de aprendizagem eficaz e acolhedor.

No texto de Kelly Anabel Galán (2021), intitulado Estratégias lúdicas para o desenvolvimento da leitura e escrita em crianças com autismo, a autora propõe o uso de atividades lúdicas para promover a alfabetização e o letramento em crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). A seguir, apresento um quadro com as principais estratégias mencionadas e como elas podem ser aplicadas em sala de aula:

Quadro 2: Estratégias Lúdicas para o Desenvolvimento da Leitura e Escrita em Crianças com TEA

Estratégia	Descrição	Aplicação em Sala de Aula
Jogos de Associação de Imagens e Palavras	Utilização de jogos que envolvem a associação de imagens a palavras, estimulando a compreensão e a ampliação do vocabulário.	Criar cartões com imagens e palavras correspondentes, incentivando a criança a fazer combinações. Usar esses jogos como parte da rotina de leitura para facilitar a identificação de palavras no cotidiano.
Teatro de Fantoques	Uso de personagens em fantoches para dramatizar histórias ou sequências narrativas, estimulando a atenção e a interação com a leitura.	Apresentar pequenas histórias com fantoches que representem os personagens das narrativas lidas em sala. Encorajar a participação da criança, fazendo perguntas ou pedindo para que ela manuseie os fantoches, associando-os a palavras e ações.
Histórias Ilustradas com Participação Ativa	Criação de histórias com imagens e textos simples, onde a criança pode participar ativamente, ajudando a construir a narrativa.	Usar livros com ilustrações grandes e coloridas, onde a criança pode indicar personagens ou eventos enquanto o professor lê. Estimular a criança a "completar" partes da história, sugerindo palavras ou frases curtas.
Caça-palavras e Quebra-cabeças de Letras	Atividades lúdicas que envolvem a busca por palavras ou a montagem de quebra-cabeças com letras, promovendo o reconhecimento das mesmas.	Desenvolver caça-palavras com palavras simples que a criança já conhece. Usar quebra-cabeças com letras grandes que a criança pode organizar para formar palavras. Recompensar pequenos avanços para manter a motivação.

Atividades Musicais com Letras e Sons	Utilização de canções que ensinam sons das letras e palavras, associando o aprendizado da linguagem à música e ao ritmo.	Cantar músicas que incluam letras e sons que a criança está aprendendo. Usar instrumentos simples (como tambores ou chocalhos) para acompanhar as músicas, incentivando a criança a associar o som ao ritmo e à palavra.
Histórias Sensoriais	Criação de narrativas curtas que envolvem estímulos sensoriais, como texturas ou cheiros, relacionados aos personagens ou eventos da história.	Criar livros sensoriais onde cada página contenha um elemento tátil ou olfativo (como tecidos diferentes ou objetos com cheiro). Associar esses elementos às palavras e ações da história para reforçar a compreensão e o engajamento.

Essas estratégias lúdicas visam tornar o processo de alfabetização mais atrativo e acessível, ajudando a criança com TEA a desenvolver habilidades de leitura e escrita de forma gradual e divertida, por meio de atividades que respeitam seus interesses e necessidades sensoriais.

Por conseguinte, o texto de Deisy Guanoluisa, Alicia Jaqueline Álvarez Mérida, Lina Facia Izurieta Mena e Rosario de Lourdes Paredes Morales (2021) propõe o uso do **conto infantil** como uma estratégia eficaz para melhorar a linguagem em crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). A pesquisa indica que os contos ajudam as crianças a desenvolver habilidades linguísticas, promovendo tanto a comunicação verbal quanto a interação social.

Uma das principais técnicas descritas é o uso de **pictogramas** integrados aos contos, que facilitam a compreensão de palavras e conceitos abstratos. Além disso, o envolvimento do mediador, como o professor, é crucial para ajustar o conteúdo de acordo com as necessidades das crianças, usando entonação, expressão corporal e atividades lúdicas para melhorar o envolvimento e a compreensão das histórias. De acordo com o mencionado, segue o quadro com as estratégias propostas pelas autoras.

Quadro 3: Estratégias de Leitura para o Desenvolvimento Linguístico em Crianças com TEA

Estratégia	Descrição	Aplicação em sala de aula
Uso de contos infantis com pictogramas	Utilização de contos adaptados com imagens e símbolos (pictogramas) para facilitar a compreensão linguística.	Ler histórias ilustradas, incentivando a criança a associar imagens com palavras, além de explorar a imaginação por meio de discussões e atividades práticas, como a troca de personagens.
Mediação durante a leitura	O professor usa recursos como voz, gestos e mudanças na narrativa para ajudar na compreensão.	Fazer leituras interativas e dinâmicas, encorajando os alunos a participar e a verbalizar suas ideias, promovendo também o desenvolvimento de vocabulário e a socialização.

Essa abordagem lúdica e visual tem mostrado resultados positivos na aquisição de vocabulário e na melhoria da comunicação de crianças com TEA.

O texto de Zambrano Montes, Lubis Carmita e Saltos Intriago (2021) propõe o uso da narrativa literária como uma estratégia docente eficaz para alfabetização e letramento de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). A narrativa literária envolve a contação de histórias, promovendo o desenvolvimento de habilidades comunicativas e cognitivas ao trabalhar de maneira lúdica e interativa com essas crianças. A seguir, apresentamos o quadro com as estratégias sugeridas pelas autoras.

Quadro 4: Estratégias de Narrativa Literária para o Desenvolvimento habilidades comunicativas e cognitivas em Crianças com TEA

Estratégia	Descrição	Como aplicar em sala de aula
Uso da narrativa literária	Utilizar contação de histórias e atividades relacionadas para	- Escolher histórias envolventes e com temas que despertem interesse da criança. - Utilizar fantoches ou objetos que representem

	estimular a comunicação, cognição e socialização. A narrativa pode envolver livros, fantoches e jogos.	personagens para incentivar a criança a interagir com a história. - Propor atividades após a leitura, como a recontagem com desenhos ou colagens.
Estratégias Metodológicas	Atividades que envolvem a repetição e a visualização, facilitando o entendimento e a memorização de conceitos importantes.	- Repetir as histórias várias vezes para criar familiaridade. - Utilizar recursos visuais como imagens ou desenhos para apoiar a narrativa. - Incentivar que a criança verbalize ou aponte os personagens ou os momentos da história que mais gostou.
Estimulação de Habilidades Comunicativas	A narrativa literária pode ser adaptada para trabalhar a fala, compreensão e socialização das crianças com TEA.	- Perguntar à criança sobre os personagens ou acontecimentos da história para incentivar a fala ou a comunicação não-verbal. - Trabalhar em grupos pequenos para estimular a interação entre as crianças.

Essas estratégias ajudam as crianças com TEA a se envolverem de forma ativa e prazerosa no processo de aprendizagem, utilizando uma abordagem lúdica que respeita suas particularidades. A adaptação de atividades conforme o nível de cada criança e o uso de recursos visuais são essenciais para o sucesso.

O texto de Yaima Rodríguez Sánchez, Ofelia Rodríguez Pérez e Xiomara García Navarro (2018) apresenta a leitura globalizada como uma estratégia eficaz para alfabetização e letramento de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). O método de leitura globalizada foca na apresentação de palavras e frases completas, em vez de ensinar letras isoladas, permitindo que as crianças façam associações mais amplas e significativas. O quadro a seguir contém as estratégias recomendadas pelas autoras.

Quadro 5: Estratégias de Leitura Globalizada para Crianças com TEA

Estratégia	Descrição	Como aplicar em sala de aula
Leitura Globalizada	Método que apresenta palavras e frases completas em vez de letras isoladas, permitindo que as crianças associem as palavras a contextos visuais e experiências pessoais.	- Utilizar palavras-chave que sejam familiares às crianças e que estejam relacionadas ao cotidiano delas, como o nome de objetos, pessoas ou ações. - Apresentar imagens ou fotos ao lado das palavras e frases para facilitar a associação.
Atividades com Frases Completas	Trabalhar com frases curtas e completas que fazem sentido imediato para a criança, incentivando a memorização e a compreensão do conteúdo global.	- Montar frases simples relacionadas a atividades diárias, como "Eu gosto de brincar" ou "O gato está na casa". - Pedir às crianças para "lerem" e associarem a frase à imagem ou situação correspondente.
Uso de Cartões e Pôsteres	Apresentar palavras e frases completas em cartões ou pôsteres visuais, permitindo que as crianças observem e identifiquem rapidamente o significado.	- Organizar um mural na sala de aula com frases e palavras importantes, acompanhadas de imagens. - Usar cartões de leitura globalizada durante atividades interativas, como jogos de memória ou bingo com palavras completas.
Leitura em Grupo	Propor atividades de leitura em grupo, onde as crianças possam ler palavras e frases em voz alta, promovendo a socialização e o	- Realizar momentos de leitura coletiva, onde as crianças repetem frases em voz alta junto com o professor. - Incentivar a participação das

	desenvolvimento de habilidades comunicativas.	crianças na leitura de pequenos textos ou histórias com frases globalizadas e imagens.
--	---	--

A leitura globalizada é uma abordagem que permite às crianças com TEA compreenderem o significado de palavras e frases em um contexto mais amplo, sem a necessidade de foco exclusivo em fonemas e letras isoladas. Ao utilizar imagens e situações do cotidiano, essa estratégia promove a associação entre linguagem escrita e significados concretos, facilitando o processo de alfabetização e letramento.

O texto de Sundarine Rodríguez e Pamela Pimentel (2020) aborda os processos de alfabetização e letramento em crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), destacando a importância de estratégias adaptativas e individualizadas para atender às necessidades específicas dessas crianças. O quadro a seguir apresenta as estratégias indicadas pelas autoras.

Quadro 6: Estratégias Adaptativas para Alfabetização e Letramento

Estratégia	Descrição	Como aplicar em sala de aula
Estratégias Individualizadas	Adaptação das atividades de alfabetização e letramento de acordo com as necessidades, interesses e ritmos de aprendizagem de cada criança.	- Realizar uma avaliação inicial para identificar os pontos fortes e áreas de desenvolvimento de cada criança. - Desenvolver planos de ensino individualizados que incluam atividades diversificadas, como jogos, livros ilustrados e recursos visuais. - Oferecer apoio contínuo e feedback durante as atividades.
Utilização de Recursos Visuais	Emprego de materiais visuais, como cartões, imagens e quadros, para facilitar a compreensão e a	- Criar murais com o alfabeto, palavras e imagens associadas. - Utilizar cartões de letras e palavras em atividades práticas, como jogos de correspondência.

	memorização de letras, palavras e conceitos de leitura.	- Incorporar histórias em quadrinhos ou livros ilustrados que ajudem a desenvolver o vocabulário.
Atividades Sensorialmente Enriquecedoras	Integrar atividades que estimulem os sentidos e a motricidade, facilitando a aprendizagem através da exploração e do movimento.	- Propor atividades com massinha para formar letras ou palavras. - Criar um ambiente de aprendizagem que inclua texturas, sons e cores que atraem a atenção das crianças. - Realizar jogos de movimento que envolvam letras e palavras, como "corrida do alfabeto".
Jogos Educativos	Uso de jogos que promovam a leitura e a escrita de forma divertida, incentivando a participação e a interação entre as crianças.	- Implementar jogos de tabuleiro que incluam letras e palavras. - Criar bingo de letras e palavras onde as crianças precisam ouvir e identificar os sons. - Promover atividades de escrita coletiva, onde as crianças escrevem e compartilham histórias em grupos.

Essas estratégias são fundamentais para criar um ambiente de aprendizagem inclusivo e adaptado, que respeite as particularidades das crianças com TEA. A individualização do ensino e a utilização de recursos visuais e lúdicos podem facilitar o processo de alfabetização e letramento, tornando-o mais acessível e agradável.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A alfabetização e o letramento são processos essenciais para o desenvolvimento integral de qualquer criança, proporcionando-lhes os instrumentos necessários para a participação ativa na sociedade. Quando se trata de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), esses processos requerem uma abordagem diferenciada, uma vez que essas crianças possuem características cognitivas e comportamentais que podem interferir na sua forma de interagir com o conhecimento. Diante disso, o presente estudo contribuiu significativamente para a compreensão de como estratégias educativas específicas podem ser aplicadas no processo de alfabetização de crianças com TEA, com foco na literatura científica de língua espanhola.

A análise dos estudos científicos revelou que a alfabetização e o letramento de crianças com TEA necessitam de uma combinação de abordagens multimodais, materiais didáticos adaptados e práticas pedagógicas individualizadas. Estratégias como o uso da leitura globalizada, o emprego de recursos visuais e tecnológicos, além da adaptação do currículo, mostraram-se fundamentais para garantir o sucesso no processo de ensino-aprendizagem. Esses métodos permitem que as crianças se envolvam ativamente nas atividades, respeitando suas particularidades e necessidades individuais.

À vista disso, os estudos analisados reforçam a importância de uma prática docente inclusiva, que considera não apenas as características cognitivas das crianças com TEA, mas também o contexto cultural e social em que estão inseridas. Abordagens teóricas provenientes de países de língua espanhola têm se mostrado promissoras ao oferecer perspectivas ricas e diversificadas, ampliando o repertório de estratégias pedagógicas disponíveis. A diversidade de métodos apresentados nos estudos permite que educadores adaptem suas práticas conforme as demandas e desafios de cada criança, promovendo uma educação mais equitativa.

Além disso, a pesquisa destaca a importância do apoio institucional e do desenvolvimento de políticas públicas que promovam a inclusão educacional de forma efetiva. A criação de materiais didáticos adaptados e a disponibilização de recursos tecnológicos específicos, como softwares educacionais e dispositivos de comunicação alternativa, são exemplos de iniciativas que podem facilitar a alfabetização e o letramento de crianças com TEA. Tais medidas são fundamentais para garantir que essas crianças tenham acesso a uma educação de qualidade, que respeite suas particularidades e promova seu desenvolvimento pleno.

A inclusão de crianças com TEA no ambiente escolar vai além da simples presença física dessas crianças na sala de aula. Ela exige um esforço consciente dos educadores em criar um ambiente de aprendizagem acessível e acolhedor, que estimule o desenvolvimento das habilidades comunicativas, sociais e cognitivas dessas crianças. Nesse sentido, o estudo reforça a necessidade de uma formação docente contínua e especializada, capaz de preparar os profissionais da educação para lidar com as complexidades do ensino de crianças com TEA.

Em suma, o presente estudo trouxe uma importante contribuição para a compreensão das estratégias de alfabetização e letramento voltadas para crianças com TEA, ampliando o debate sobre a inclusão escolar e a necessidade de práticas pedagógicas diferenciadas. Os achados confirmam que o sucesso no processo de alfabetização dessas crianças está diretamente relacionado à implementação de estratégias personalizadas e ao uso de métodos adaptativos que respeitem o ritmo e as necessidades individuais de cada aluno. Para além dos aspectos teóricos, espera-se que as práticas pedagógicas aqui discutidas possam ser aplicadas e aprimoradas no contexto escolar, servindo de base para a formação de educadores comprometidos com a inclusão e para o desenvolvimento de políticas públicas que garantam o direito à educação para todos.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Lígia Assumpção. Sobre crocodilos e avestruzes: falando de diferenças físicas, preconceitos e sua superação. **Diferenças e preconceito na escola: alternativas teóricas e práticas**, v. 5, p. 11-30, 1998.
- BARRETO, Mayra Ferreira. Alfabetização e letramento de alunos com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA). **Revista Amor Mundi**, v. 2, n. 4, p. 45-56, 2021.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Diário Oficial da União, Brasília, 05 out. 1988.
- BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Diário Oficial da União, Brasília, 23 dez. 1996.
- BRASIL. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Ministério da Educação, 2008.
- BRASIL. Decreto nº 7.611, de 17 de novembro de 2011. **Dispõe sobre a educação especial e o atendimento educacional especializado**. Diário Oficial da União, Brasília, 18 nov. 2011.
- BRASIL, Lei nº 13.146, de 06 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (**Estatuto da Pessoa com Deficiência**).
- CRUZ, Solange Aparecida Pacheco. Educação inclusiva e autismo: teoria e prática para o processo de alfabetização: Autismo. **Caderno Intersaberes**, v. 11, n. 32, p. 61-77, 2022.
- CUNHA, Eugênio. **Autismo na escola: um jeito diferente de aprender, um jeito diferente de aprender, ideias e práticas pedagógicas**. 6 ed. Rio de Janeiro. Wak Editora, 2020. 144p.
- DE FIGUEIREDO, Rita Vieira. **A FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA A INCLUSÃO DOS ALUNOS NO ESPAÇO PEDAGÓGICO DA DIVERSIDADE**¹.
- DE OLIVEIRA MELLO, Márcia Cristina. O pensamento de Emília Ferreiro sobre alfabetização. **Revista Eletrônica Acolhendo a Alfabetização nos Países de Língua Portuguesa**, v. 1, n. 2, p. 85-92, 2007.
- DE SOUSA, Angélica Silva; DE OLIVEIRA, Guilherme Saramago; ALVES, Laís Hilário. A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos. **Cadernos da FUCAMP**, v. 20, n. 43, 2021.
- DOS SANTOS BATISTA, Leonardo; KUMADA, Kate Mamhy Oliveira. Análise metodológica sobre as diferentes configurações da pesquisa bibliográfica. **Revista brasileira de iniciação científica**, p. e021029-e021029, 2021.
- DOS SANTOS DAVID, Everson et al. Educação inclusiva: desafios da alfabetização e letramento de alunos com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA). **Caderno Pedagógico**, v. 21, n. 7, p. e5545-e5545, 2024.
- DOURADO, LETÍCIA RODRIGUES et al. **ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS ATÍPICAS**. 2024.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana; LICHTENSTEIN, Diana Myriam. **Psicogênese da língua escrita**. Artes Médicas, 1986.

Soares, **Magda**. **Letramento: um tema em três gêneros** / Magda Soares. - 3. ed. -. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. 128p. ISBN 978-85-86583-16-2. 1.

MERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders**: DSM-5. Arlington: American Psychiatric Publishing, 2013.

BURGOYNE, K. et al. **Cognitive and executive functioning in children with autism spectrum disorders**: A review. *Neuropsychological Review*, v. 28, n. 2, p. 141-158, 2018.

LORD, C. et al. **Autism spectrum disorder**. *Nature Reviews Disease Primers*, v. 4, n. 1, p. 1-20, 2018.

NATIONAL AUTISM CENTER. National Standards Report. 2. ed. Randolph: National Autism Center, 2015.

FREITAS, Maria Cecília Martinez Amaro et al. DESAFIOS NA ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS COM TEA. **REVISTA EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E INOVAÇÃO**, v. 6, n. 1, 2021.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. Métodos de pesquisa Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. **GEROLD-SCHEEPERS, Thérèse JFA**, p. 28, 2021.

Gil, Antônio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6. ed. **Editora Atlas SA**, 2008.

GOMES, Fernanda Siqueira Costa et al. O processo de alfabetização de crianças com Transtorno do Espectro Autista na perspectiva de professores e analistas pedagógicos: um olhar psicopedagógico. 2022.142 folhas. (Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento Infantil) – universidade federal de Uberlândia.

SASSAKI, Romeu Kazumi et al. Terminologia sobre deficiência na era da inclusão. **Revista Nacional de Reabilitação**, São Paulo, ano, v. 5, p. 6-9, 2003.

RODRÍGUEZ SEGURA, Raquel. Proposta de intervenção psicoeducativa para o ensino de leitura e escrita em crianças com autismo. 2020. 85 folhas. (Trabalho de Fim de Graduação em Educação Inclusiva) – Universidade de La Rioja, Logroño, 2020.

GALÁN, Kelly Anabel. Estratégias lúdicas para o desenvolvimento da leitura e escrita em crianças com autismo. 2021. 120 folhas. (Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento Infantil) – Universidade Técnica de Ambato, Ambato, 2021.

GUANOLUISA, D.; ÁLVAREZ MÉRIDA, A. J.; IZURIETA MENA, L. F.; PAREDES MORALES, R. L. Uso do conto infantil para melhorar a linguagem em crianças com autismo. *Revista EDUCARE*, Quito, v. 25, n. 1, p. 45-60, jan. 2021.

MONTES, L. C.; SALTOS INTRIAGO, C. M. Uso da narrativa literária como estratégia docente para crianças com TEA. *Revista EDUCARE*, Quito, v. 25, n. 1, p. 70-85, jan. 2021.

RODRÍGUEZ SÁNCHEZ, Y.; RODRÍGUEZ PÉREZ, O.; GARCÍA NAVARRO, X. Alfabetização e letramento de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) através da leitura globalizada. *Conrado*, Havana, v. 14, n. 63, p. 274-278, jul. 2018.

RODRÍGUEZ, S.; PIMENTEL, P. Processos de alfabetização em crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). *Revista Acadêmica de Educação e Desenvolvimento Infantil*, Quito, v. 15, n. 2, p. 45-60, ago. 2020.